

16

P'RA VOCE

---

---



LULA  
RIO DE JANEIRO

# P'RA VOCE

revista semanal ilustrada

DIRIGIDA POR  
WILLY LEWIN  
LUIZ C. AYRES

P R O P R I E D A D E  
D A E M P R E Z A  
D O "D I A R I O D A M A N H Ã"  
R U A D O I M P E R A D O R 2 2 7 - R E C I F E

**PREÇO**

**1\$000**

## Uma Homenagem Mistral

Em maio de 1876 celebraram-se em Montpellier, com muita pompa, as festas latinas. Coincidiram estas com os Jogos Floraes do consistorio dos maiores, formado em Avignon dois annos antes, com cinquenta poetas, a metade do meio-dia de França e a outra metade de Valencia, Catalunha e Maiorca.

Assistia tambem áquella festa o precursor da Renascença da lingua provençal, J. Roumaville, o mestre e amigo intimo de Mistral, que sendo inspector de estudos do pensionato de Avignon, onde se educava o genio da Provença, surpreendeu um dia este occultando um papel, o qual verificou ser uma bella poesia escripta em Provençal, illusão de Roumaville, que acariciava o doce sonho, depressa convertido em realidade, de elevar a lingua de sua terra á altura em que a havia de collocar o immortal auctor de "Mireille".

Porém aquellas festas de Montpellier não tinham só por objecto celebrar os primeiros Jogos Floraes; solemnizavam, al'm disto, a primeira reunião dos poetas da nova Associação, que por iniciativa de um vate catalão, Alberto Quintana, havia sido fundada para congregar todos os escriptores das linguas procedentes do latim, Associação acolhida com grande entusiasmo por Frederico Mistral, cuja alma cheia de amor só concebia laços fraternaes e sentimentos de profunda cordialidade.

Daquellas festas, resumantes de bellissimo lyrismo fallou-se pelo mundo inteiro. Poucas vezes se havia reunido um nucleo de poetas tão importantes e se haviam celebrado varios actos, todos elles em honra de um ideal

poetico, e em meio do maior entusiasmo. Os novos abraços de confraternidade, que consolidavam aquelles que annos antes, em 1868, se haviam dado os poetas de aquém e de além Pyreneus que fallaram linguas procedentes da antiga de Oc, em Barcelona, pareciam sellar uma união que nunca se havia de romper.



CADA EDADE TEM OS SEUS PRAZERES

— Vóvózinha, eu tambem "quero" dansar!

— Tolinha! Isto não e para a tua idade! .....

+ +

## O Japão em Pernambuco

A CASA MAIS POPULAR DE PERNAMBUCO

### FESTEJOS DE SÃO JOÃO

Grande sortimento de artigos para ornamentação de EGREJAS e Salões de Festas:

Balões, grinaldas de papel, sombrinhas de papel, bandeirinhas, cordões de palha, resposteiros de palha, Esteira, porta-cartões, abat-jour papel crêpe, papel de seda etc., etc.

Chegaram novas remessas: Velinhas defumadoras contra muriçocas, Porta-pratos, chinellos, NOVIHADES EM BRINQUEDOS.



Rua Diário de Pernambuco, 123

## ROYAL

NOS DIAS 13 - 14 - 15 - JUNHO



## Os melhores caramellos e balas de fructas



são da fabrica **Beija-Flor**



## SUN-YAT-SEN NA HISTORIA DA CHINA

As agitações políticas e o estado de perpétua revolta em que vive a China, pôde-se dizer que desde a instauração da republica em 1911, não serviram de obstaculo para que o governo de Nanking tributasse uma solemne homenagem ao fundador do novo regimen, o famoso doutor Sun-Yat-Sen, por ocasião da trasladação de seus restos do templo budhista de Pin-Yon-Su, chamado Monasterio das Nuvens Azues, nas cercanias de Pekin, ao magnifico mausoléu erigido na Montanha Vermelha, de Nanking.

Verificou-se a dita cerimonia no dia 26 de maio ultimo, alcançando, tanto pela cordial participação que nella tomou o povo, como pelo sumptuoso aparato de que acercou o governo nacionalista, as proporções de uma aptheose.

Sun-Yat-Sen, chefe do partido revolucionario chinês, chamado Kouningtang (partido popular) nasceu em Cantão em 1864, e falleceu em Pekin em 1925, quando, afim de consolidar o regimen republicano, mediante um accordo entre os governos sulistas e nortistas, dirigia-se a esta ultima capital para entabolar as negociações correspondentes.

Educado em Hong-Kong e em Honolulu', estudou medicina nos Estados Unidos, voltando a seu paiz no fim da guerra chino-japoneza. Immediatamente deu inicio ao trabalho, excitando seus compatriotas a uma campanha

para o desthronamento da dymnastia mandchu'. Emmigrado para Londres, com seus escriptos e allocuções continuou excitando os partidarios cada vez mais numerosos, e por meio de perseverante propaganda e de continuas viagens pelos paizes do extremo Oriente, conseguiu por fim vêr instaurada a republica na China, celebrando-se e assembléa nacional provisoria em Nanking, no dia 29 de Dezembro de 1911, sendo alli eleito, por unanimidade, presidente do novo estado. No anno seguinte renunciou ao cargo, para não pôr em perigo a unidade da China, e ausentando-se do paiz, proseguiu seu labor revolucionario no estrangeiro. Em 1921 regressou ao Cantão para presidir o governo sulista, constituido por individuos do dissolvido, parlamento de Pekin, sendo expulso em 1922, para volver á patria em 1923.

Os restos do idolo da China moderna foram conduzidos num trem especial escoltado por outros trens blindados e um comboio destinado á propaganda politica.

Chegado o cortejo funebre á Montanha Vermelha foi inhumado o cadaver no soberbo mausoléu recém-construido, á curta distancia do tumulo do primeiro imperador da Dimnastia Mong.

Foram distribuidas aos dignatarios da republica e personalidades que assistiram á cerimonia, medalhas de ouro e prata com o retrato de Sun-Yat-Sen e a vista do mausoléu.

# MUROS LEGENDARIOS

Na região do Louvre e do Indre, ergue sua bella silhueta, entre as aguas do Cher, o famoso castello de Chenonceaux.

Pertenceu seu dominio desde o principio do seculo XIII á illustre familia dos Marques que, rica de brazões e de pergaminhos, carecia de erario sufficiente para attender ás necessidades de sua casa e de seu nivel declindose aquelles bravos descendentes do antigo senhor feudal, a traspasar a antiga fortaleza, que chegou a ser propriedade do financista Thomas Bohier, em 1513.

Não parecendo ao rico proprietario, sufficientemente solidos os muros da fortaleza pelas inundações que haviam soffrido em não longinquas épocas, ordenou sua demolição, respeitando unicamente a velha torre principal como recordação do passado, elevando um esplendido edificio construído sobre o rio.

Antes de finalizar as obras que projectava, Bolivier teve necessidade de partir para o Milanese, morrendo pouco tempo depois da viagem e cuidando sua espósa Calalina Briconnet de que fossem continuadas as obras.

As sangrentas legendas do antigo moinho despertaram na viuva temerosa influencia, augmentada ao dar-se fortuitamente a morte de varios operarios que trabalhavam nelle e, sobretudo, ao sentir-se doente de uma enfermidade desconhecida dos medicos, que a levou ao tumulo em pouco tempo.

O filho do casal Bohier, o magnifico aventureiro do

seculo XVI, por causa da fortuna dissipada, teve necessidade de vender o castello dos seus maiores aos credores, chegando a ser propriedade de Francisco de França.

O "Rei Cavalheiro" conquistador e faustoso", fez da residencia de Chenonceaux o centro de suas peregrinações e aventuras amorosas, celebrando festas e reuniões, as quaes compareciam damas illustres da corte.

Ao herdal-o Henrique II, fez tambem do castello o ninho de seus amores com a deliciosa Diana de Poitiers.

Ao morrer Henrique II, sua mulher Catharina de Médicis, a vingativa florentina que havia guardado durante tanto tempo as humilhações recebidas da sua rival, para demonstrar a esta o seu rancor, uma das primeiras coisas que fez, foi desapossal-a do castello para fazer delle o centro de suas machinações, estabelecendo alli varios amigos alquimistas italianos, que trataram de recolher dos muros dos palacios do amor o espirito do rei, para impetrar ao diabo e poder aniquilar sua inimiga Diana de Poitiers.

Confiou mais tarde o cuidado da antiga fortaleza a Philiberto de L'Orme, a quem ordenou a construcção de uma galeria por cima da famosa Ponte do Entardecer, assim chamada porque a dama de Poitiers contemplava della o doirado fulgor dos crepusculos. Passou depois Crenonceaux a ser propriedade da familia Condé, e em 1730 pertenceu ao general Dupin, que nelle dava faustuosas recepções em honra aos poetas da época.

# HYGÉA

limpeza  
automática  
sem intervenção  
manual



OS REGULAMENTOS DE SAUDE PUBLICA  
EXIGEM ESCARRADEIRAS DESTE SYSTEMA  
J. GOULART MACHADO & CIA LTDA - Rio.



Sobretudo de gabardine para meninos de 6 a 15 annos

Pelerines de cazemira com Capur

Capinhas e casquinhas de malha para creancinhas

Casacos de malha para senhoras

Sobretudo para homens.  
O maior e o melhor sortimento de artigos para agasalho na

MAISON CHIC

265 - RUA NOVA



# Meias Manon

SÃO AS PREFERIDAS PELAS  
ELEGANTES POR SEREM AS MAIS  
FINAS E RESISTENTES.

— PREÇOS AO ALCANCE DE TODOS —

A' VENDA EM TODAS AS  
CASAS DE 1.º ORDEM

Representantes exclusivos:

**Alberto Fonseca & Cia. Ltda.**

**AVENIDA MARQUEZ DE OLINDA, 122**

**RECIFE - PERNAMBUCO**

Rs. 14.608:554\$263

EM 1929

## PELA RECEITA DE PREMIOS

Entre todas as Companhia do genero  
que operam no Brasil, foi

**A SUL AMERICA**

**TERRESTRES**

**MARITIMOS E**

**ACCIDENTES**

**A PRIMEIRA**

Augmento de premios registado durante o anno:

RS. 3.409:1600583

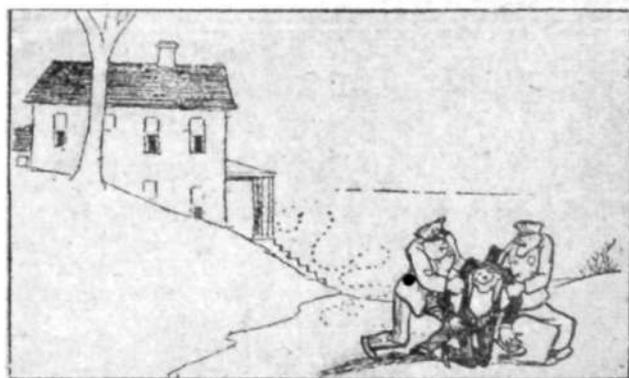
Sob a mesma Administração da "SUL AMERICA"

SUCCURSAL EM PERNAMBUCO

Caixa Postal, 68

Telephone, 9383

AV. RIO BRANCO, 50 - 1.º ANDAR



— Sim, proffro que me levem á delegacia; lá estarei  
mais seguro do que em casa.



— Por que o Gastão não veio contigo?  
— Casou-se.  
— Sim? Com quem?  
— Comigo.

para  
você...

---

**B L U E S**

Uma victrola enche a noite profunda:

*"Deep night, stars in the sky above..."*

Não faz luar. Mas a voz arrastada de Rudy Vallée fala em "moonlight". Neste momento um orgão de igreja seria mais alegre do que o choro dos saxophones. Os banjos lembram sussurros de águas lentas. Águas de um grande rio povoado de sombras. Um rio cansado. Weary River :

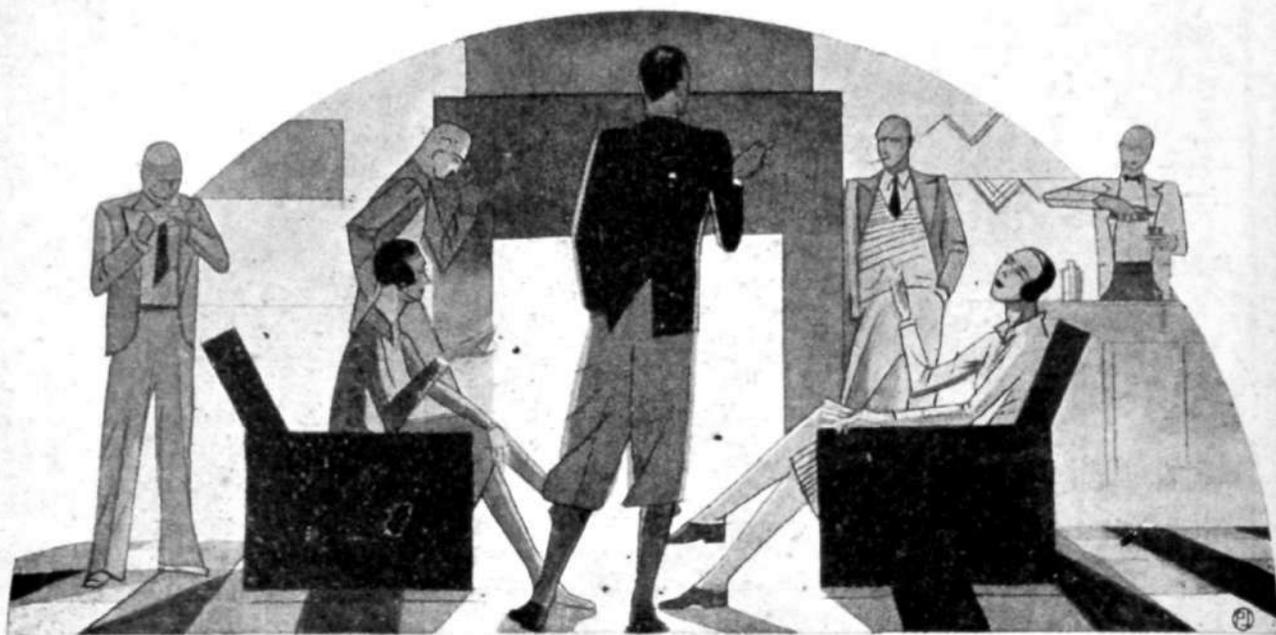
*"I have been just like a weary river..."*

E' o outro lado da chapa. Este Rudy Vallée é um semeador de melancolias irresistíveis. Os seus "Yankees" devem ter olhos somnolentos. Só os seus dedos é que são ágeis e espertos arranhando as cordas metálicas. New-York é uma cidade poética. Wall Street não tem importância. New-York possui Bowery, Bowlin Green, Harlem. No Harlem vivem mulatas formosíssimas e negros maravilhosos. Elles dançam os "stomps" mais incríveis e cantam os spirituals com uma voz de mártir resignado. Os rythmos se alongam, esticam como um "chewing gum". Os negros do Harlem cantam assim :

*"I got the weary blues  
And can't be satisfied  
I ain't happy no mo'  
And I wish that I had died".*

Langston Hughes escreveu um livro sobre os seus irmãos de pelle nocturna. Este livro deve ser lido quando as sensibilidades se afinam como as cordas de um banjo.

**W I L L Y L E W I N**



# SENSIBILIDADE

DE ROBERT DIEUDONNÉ

— Com que então, você caça?  
 — Pois não! caço!  
 — E não lhe faz pena matar essas pobres perdizes?

— Aqui p'ra nós, pelas que eu mato!  
 — Então?  
 — E' uma distração: o ar livre, o exercício, a fadiga sã... a toilette...

— Sobretudo esta ultima!  
 — E depois isto me permite não deixar meu marido.

— Elle deve ficar encantado.  
 — E' o que você pensa: os homens, na caça, têm horror ás mulheres: ficam constrangidos, não podem trocar ditos picantes, não podem beber sem controle, jogar pocker á sua vontade quando apenas uma mulher está no grupo: meu marido preferiria, talvez, vêr-me no inferno, mas ha uns amigos d'elle a quem minha presença faz tanto prazer!

— Ah! Ah! você flirta.  
 — Tão pouco! mas você não faz uma ideia do que a presença d'uma mulher pôde produzir no meio de uma assemblêa de homens. Dir-se-ia que é a primeira que elles vêem. Se dois se disputam a gloria relativa de ter abatido um faisão, offerecem-n'o sempre em homenagem á mulher que, a seu lado, manifesta uma resignação sorridente.

— Esperam elles conquistar-nos por tão pouco?  
 — Esperar, é dizer muito. Elles são como são, porém querem agradar: multiplicam-se, fascinam e é assim que são encantadores.

— Em summa, você não morre de amores...  
 — Pelos homens?  
 — Não, pela caça?  
 — Pouco a pouco a gente acaba por gostar... uma paixão? Não é bem isto, porém um prazer: Consegue-se abstrair a idéa da morte: Alvejam-se

os animaes como se elles fossem argilla... Se eu fosse obrigada a apanhar um coelho que se contorce ou um passaro ferido, é bem evidente que não caçaria mais, porém os guardas lá estão para acabar a tarefa: uma perdiz que cãe? A partir desse momento é um ser que não existe mais: desaparece, foi attingido no seu vôo justamente quando pensava escapar ao homem; não soffreu!... ou pelo menos se soffreu não assistimos ao espectáculo do seu soffrimento...

— Desculpa bem commoda...  
 — Não digo... não me quero fazer melhor do que sou, mas que differença entre o passaro a que envio um tiro de espingarda, ao acaso, e o vitello do qual não comerei um bifteck se fosse obrigada a matal-o ou, simplesmente, a assistir a sua morte. Na caça ha tão pouco sangue, tão pouco soffrimento visivel...

— Dé certo, o pobre animal não lhe conta suas angustias, seus terrores, seu martyrio...

— Então seria preciso ser vegetariana!  
 — Talvez fosse essa grande sabedoria, a verdadeira caridade...

— E ainda assim!...  
 — Mesmo assim!...

— Uma planta vive, uma arvore vive; quando se corta uma couve, quando se colhe um fructo, uma flôr, quem dirá que essa mutilação não faz soffrer cruelmente a arvore ou a planta? Ninguém gosta de um passaro engaiolado: é perfeitamente razoavel, mas quem poderá assegurar que uma hortensia num jarro de flôres não experimenta todas as tristezas do captiveiro? Você me censura de atirar ás perdizes e, entretanto, come ostras vivas — vivas, entende — que se contraem com o summo do limão

# diz-se...



\* Irsó foi no sabbado ultimo. O Buick passou. Aquelle mesmo Buick negro que está sempre cheio de sorrisos e vestidos claros.

Ha pouco tempo ainda, os vestidos eram escuros como a "carrosserie" polida e lustrosa. Só os sorrisos é que nunca deixaram de ser claros.

O Buick abandonou o meio fio do citião da "Gloria" e veio buscar os sorrisos, que o esperavam na porta da confeitaria, depois do chá.

Um arranco, e os sorrisos desappareceram...

A tarde cinzenta ficou muito mais feia.

\* \* \*

\* O compridissimo ensaista e academico de direito pede-nos uma rectificação ao ultimo "diz-se" sobre a sua pessôa.

A garôtnha que recebe diariamente os seus prolongados telephonemas não tem doze annos como foi publicado. Tem apenas onze.

Confirmam-se, portanto, as suspeitas sobre a fundação de mais um jardim-de-infancia.

\* \* \*

\* O "moço loiro" continua a insistir. Todos os domingos, a sua elegantissima presença é notada na missa daquelle bairro onde mora a deliciosa creaturinha á Sue Carol.

Por sua vez mlle. continúa a preferir as missas que comecem mais tarde.

Isso seria caso para desistir se o "moço loiro" não tivesse lido em to-

dos os romances que a constancia é sempre victoriosa.

\* \* \*

\* Segunda-feira ultima no Parque, aquelle rapaz não sabia para onde olhar. Se para a téla, ou para uns grandes olhos luminosos, accêso na platéa.

A "linha" era extensa porque ambos estavam separados pelo espaço de quatro poltronas. Entretanto o fascínio era total.

Accrescenta-se a tudo isso a presença de Lupe Velez, na téla, e imagine-se agora o estado de nervos do pobre rapaz.

\* \* \*

\* Sabemos de fonte segura que o joven literato está escrevendo um livro cheio de idéas mais ou menos atrevidas sobre a educação feminina.

Estas idéas, porém, não devem ser explicadas, pelo telephone, ás garôtnas ingenuas que se divertem com os "trotes" do joven literato.

E' perigoso e inconveniente.

\* \* \*

\* O joven musicista, "causeur" intelligente e espirituoso, deu agora para ironizar os "literatos".

Quem desejar soffrer as consequências da sua ironia perfurante, mostre-lhe uns versos novos, uma chronica feita no dia anterior.

Agora, o que todo mundo sabe é que o joven musicista tem publicado diversos poemas nos jornaes e nas revistas da terra.

E o que é peor: estes poemas são quasi sempre lyricos.





Em Paris, por ocasião dos seus primeiros concertos, Villa-Lobos não agradou. Houve confusões terríveis na platêa. Assovios, apupos, o diabo. O requintado publico parisiense não poudo sentir, a principio, aquella musica extranha, profunda, que vinha de longe, de um povo cheio de superstições e de lendas. Nada disso, porem, tinha importancia. Strawinsky tambem fôra vaiado em Paris. Então Villa-Lobos insistiu e venceu. Hoje o seu nome é conhecido e admirado em toda a Europa. A sua inspiração não soffreu nenhuma influencia extranha. E' personalissima. E' maravilhosa. Os criticos mais notaveis já reconheceram isso: Villa-Lobos é Villa-Lobos. O grande, o extraordinario Villa-Lobos.

## DOIS POEMAS DE VALDEMAR CAVALCANTI

DESPORTOS intelligencia brasileira

(noticia sobre uma amistosa  
partida do foot-ball)

O goal-keeper do ABC fracturou um braço;  
o center-half e o full-back quebraram a perna;  
no outro team três players saíram seriamente  
machucados  
e o center-forward quebrou a clavícula.  
Os restantes discutiram a murros e pontapés  
uma decisão do juiz.  
Houve tumultos na numerosa assistencia.

Emquanto bate a sola do sapato.  
da menina de defronte  
o sapateiro fala contra o clero  
elogia os livros do doutor Octavio Brandão e  
do senhor Oscar Tenorio  
e os discursos do tribuno Mauricio de Lacerda.  
Enthusiasticamente.  
(Meu sapateiro é communista e quasi literato).



Valdemar Cavalcanti  
Caricatura de Euclides

**FADIGA**

(Tradução especial de Esdras-Farias  
para P'RA VOCE)

Deixem-me um pouco descansar  
nesta feliz despreocupação  
de quando eu me entendia que era rapaz,  
e dormia no pó e sobre a relva  
sem ao menos cuidar  
que esta feliz despreocupação  
me havia de fazer vincos na roupa...  
Eu me estendia na tranquilidade  
de uma paisagem plena, ampla, sem arvores,  
e que era um campo todo verde  
como a esmeralda rutila do mar.  
Estendia-me definitivamente,  
descansando,  
sem um só pensamento na cabeça  
vendo passar, fluctuando, sobre mim  
as nuvens muito lentas, muito altas,  
numa completa, absoluta paz.  
Deixem-me um pouco descansar  
nesta feliz despreocupação!

Francisco Monterde y Garcia Icazbalceta

# O P Ô C O

## Conto de HUMBERTO DE CAMPOS

Fernandina Sobreira havia sido, até os vinte e tres annos, a moça mais falada e formosa dos salões do Rio de Janeiro. Muito clara, cabellos castanhos, olhos suavemente azues, porte mediano, ninguem a excedia nas maneiras, na elegancia, na distincção e, principalmente, na graça de um signalzinho petulante, que lhe dava ao rosto, na face esquerda, o retoque de uma brejeirice encantadora. Aquelle signalzinho era, podia-se dizer, o ponto final da garridice. Ao escrever o poema da graça feminina, Deus havia posto, all, a ultima palavra do derradeiro capitulo.

Os annos foram-se, porém, succedendo uns aos outros, como gôtas da mesma clepsydra; e o certo é que, aos vinte e oito annos, a moça não havia encontrado marido. Amigas mais feias, ou antes, menos bonitas, lam, uma a uma, recebendo o seu noivo, constituindo o seu lar, multiplicando o seu sangue; e ella, sómente ella, de tantas que eram, lá se deixara ficar na casa paterna, cercada de admiradores, atordoada, de lisonjas, mas sem ver um homem a convidasse, leal e sincero para a formação do ninho commum. A Bellita Simpson, que não tinha os seus olhos nem o seu sorriso, havia encontrado o dr. Mascarenhas, advogado bonito e joven, e lá andava pela Europa em viagem de nupcias, percorrendo as cidades exrimentando os climas, visitando os museus. A Alice Martins era, agora, mme. Lopes Taveira, arrastando pelo braço, nos salões e na Avenida, o grande medico seu marido. A Toinha casara com um deputado, e dava empregos; e a Thecla Meirelles com um capitalista, e dava recepções. Só ella, que fóra a mais formosa, a mais elegante, a mais cobiçada, all estava sózinha no seu leito de solteira, sentindo approximar-se, após uma alvorada chilreante de passaros, uma tarde triste, lugubre, mortalhada em cinza e silencio! Onde andava com a sua matilha e com os seus pagens, o seu Príncipe Encantador, que não vinha, rapido, alarmando a floresta com as buzinas de caça, colher a rosa do beijo na boca da sua Princeza Adormecida?

Sem irmãs, nem irmãos, que lhe dêssem o conforto de uns sobrinhos pequeninos, Fernandina sentia-se opprimir, afogar, asphyxiar, pelo instincto material do coração. O pae, alquebrado pela idade, não podia mais conduzi-la com frequencia, como danças, a festas, a passeios, a theatros. Uma primeira ruga riscou-lhe a fron-

te lisa, partindo, como um fio telegraphico sem destino, do canto dos olhos. Combatida á força de loções, de unguentos, de pomadas, multiplicou-se, dividiu-se, repartiu-se, abrindo novos caminhos para as lagrimas. E foi nessa idade, com o sol da mocidade em declinio, que Fernandina dormia, e teve, uma noite, um sonho que a desilludiu.

Ao fechar os olhos, humedecidos em torno por uma loção que lhe haviam receitado, sentiu-se a moça, de repente, transportada a uma grande planicie, no fim da qual resoavam harpas e citharas, que ella procurava, e não via. Embevecida, olhava para o lado de onde lhe vinham aquellas vozes embaladoras, quando sentiu que alguém lhe tocava no hombro. Voltou-se, assustada, e calu de joelhos, gemendo:

— Minha madrinha! Minha madrinha! Amparae-me!

Ao seu lado, radiosa e doce, mal pisando a terra, sorria a imagem de Santa Rosa de Lima, sua madrinha e protectora, á qual havia rezado constrictamente, afflictamente, antes de adormecer, pedindo a graça de um marido. Sorriam nos labios, aureola á cabeça, mãos sobre o peito, a Santa fitava-a com ternura, quando, carinhosa, ordenou:

— Minha filha, vem...

E puzeram-se a andar pela campina, uma ao lado da outra, mas tão leves, tão áptis, tão ligeiras, as duas, que nem pesavam sobre o relvado orvalhado. Subito, ouviram vozes. A planicie havia desapparecido, e Fernandina estava, agora, deante de um grande pôço, em torno do qual se aglomeravam, apertando-se empurrando-se, disputando, dezenas, centenas, milhares de moças. Espremendo uma, afastando outra a rapariga chegou á beira do abysmo e viu: de dentro, saia, vagarosa, uma corda, puxada por um sacerdote, na qual vinha amarrado, de sete em sete palmos, um homem, que as mulheres, em cima, recebiam de baixo de gritaria.

— Que é isso? — indagou, timida, Fernandina, a uma desconhecida que lhe ficára ao lado.

— Então, você está aqui, e não sabe?

E como percebesse a sinceridade daquella pergunta:

— Isto aqui é o Pôço dos Maridos, o lugar de onde elles vêm, Essas moças que aqui vê, estão esperando cada uma aquelle que lhe é destinado.

— E a senhora já encontrou o seu? — indagou Fernandina, admirada.

A outra baixou os olhos, e confessou:

— Não, senhora. Estou aqui ha doze annos. Felizmente ainda não perdi a esperanza...

A rapariga lá rir da sua vizinha quando os seus olhos descobriram, do outro lado do pôço, varias physiognomias amigas, debruçadas, todas, para o fundo insondavel do abysmo. Eram a Bellita Simpson, a Alice Martins, a Dorinha Tavares, a Abigail Queiroz, a Rinita, a Maria da Graça, a Luiza, a Tude, a Vidinha, a Graziella... E á medida que a corda subia, puxada incessantemente pelo sacerdote, desgarrava-se della um homem joven, ou velho, feio, ou bonito, a cujo pescoço pulava logo um vulto, feminino, que nunca o tinha visto, mas que o esperava anciosamente á beira do pôço. E assim viu ella sair o dr. Mascarenhas, o Lopes Taveira, o commandante Maia Cunha, o dr. Casemiro Alves, o tenente Alberto Wellington, em cujos braços se atiraram, logo, a Bellita, a Alice, a Thecla, a Toinha, a Maria da Graça, que lá se iam, felizes, pela campina, com os seus maridos...

De repente, Fernandina sentiu uma agitação intima, um susto, uma afflicção deliciosa, uma especie de presentimento. Uma vontade de fugir, de esquivar-se, agitou-lhe os nervos, mas os pés a detiveram, autoritarios, no mesmo logar. Alguma coisa de grave, de inesperado, ia, necessariamente, acontecer. E estava nessa angustia, nesse tormento suave, quando a Santa, sua madrinha, lhe appareceu, de novo, annunciando-lhe:

— Minha filha, olha para o fundo do pôço. Teu noivo, o homem que te é destinado para marido, está para chegar. E' o oitavo, depois deste, que saiu agora.

O impeto de Fernandina foi o de atirar-se á Santa, abraçando-a, apertando-a, cobrindo-a de beijos pulosos, de furiosa gratidão. Era preciso, porém, olhar para o fundo do pôço, a receber com os olhos, de longe, o seu prometido, e a anciedade dominou-a, curvando-a sobre o abysmo. Debruçada para dentro, contou os vultos que se divisavam, agarrados á corda:

— Um... dois... tres... quatro... cinco... seis... sete... oito...

Era aquelle. De longe, não lhe podia divisar as feições, nem avallar a idade. O coração batia-lhe, afflicto soffregio, descompassado. Um suor frio corria-lhe por todo o corpo, numa vertigem. As pernas tremiam-lhe, mais sustentando o peso do busto, amparado ao muro do pôço. A manivella continuava, porém, a rodar: manejada pelo padre, e a corda a subir, trazendo gente. Agora, falta-

(Termina na pagina seguinte)

## NAS PRAIAS

Nas praias de todo o mundo reúnem-se sempre as creanças. O céu infinito acalma-se sobre suas cabeças; a água impaciente se alvoroça. Nas praias de todo o mundo as creanças se reúnem gritando e bailando.

Fazem casinhas de areia e brincam com as conchas. Seu barco é uma folha secca que elles lançam sorrindo, na vasta profundidade. As creanças brincam nas praias de todo o mundo.

Não sabem nadar, não sabem deitar a rede. Emquanto o pescador de perolas mergulha por ellas, e o mercador navega em seus navios, as creanças tiram pedrinhas e tornam a tirá-las.

Não buscam thesouros occultos, nem sabem deitar a rede.

O mar ergue-se numa gargalhada, e brilha na praia, sorrindo. Ondas assassinas cantam aos meninos balladas sem nexo, e pallido, luz o sorriso da praia.

Nas praias de todo o mundo reúnem-se as creanças. Rola a tempestade pelo céu, os barcos naufragam no mar, sem róta, anda solta a morte, e as creanças brincam.

Nas praias de todo o mundo reúnem-se numa grande festa, as creanças de todo o mundo.

Rabindranath Tagore



Miss Rio de Janeiro

O

P

Ô

Ç

O

vam apenas quatro. Elle era o quinto. Apesar da penumbra do pôco, Fernandina divisava-lhe, já, as feições. Era joven, sim! Joven e bonito. Na sua coqueteria instinctiva, a moça levou as duas mãos ao cabello, afofando o penteado. Mas um movimento da manivella e a claridade exterior attingiu-o. Chicoteado pelo facto de luz, o rapaz ergueu o rosto, e, encontrando, em cima, os olhos della, encarou-a, e sorriu. Fernandina quasi desmaiou, de gozo, de prazer, de alegria. Toda ella era alviçaras de carne, alviçaras de nervos, alviçaras de coração. Agoã, elle era o segundo. Olhos nos olhos, embebidos um no outro, as mãos já se tocavam, qua-

si. Fernandina sorria e chorava. Mais uma volta da manivella, e estaria elle nos seus braços. Esperava, como se fosse um seculo, a passagem desse instante, desse grão de areia na ampulheta da eternidade, quando um grito reboou, alarmando a multidão.

~Fujam! Fujam! -- avisou alguem.

A massa humana recuou, espavorida, deixando Fernandina, sozinha, á beira do pôco.

— A corda vae partir-se! — bradou a mesma voz, com terror.

Atordoada, a moça voltou-se, e viu, um pouco acima da sua cabeça, no ponto em que passava pelo carretel, o cabo desfiara-se, rapido, amen-

çando romper-se. Soltando um grito, a rapariga estendeu as mãos, afflicta, louca, desesperada, para o interior do pôco. Era, porém, tarde. Rodopiado com o peso, o cabo se havia destorcido de repente, estalando, num ruido secco, e atirando, com um estrondo surdo, a sua carga humana no fundo insondavel do abysmo!

Um grito de desespero, de raiva, de afflicção, de dor allucinada, alarmou, aquêla hora da noite, a familia Sobreira. Pessoas da casa accorram, em trajes de dormir. Curvada para fóra do leito, o braços estendidos para o chão, o rosto lavado de lagrimas, Fernandina chorava, agoniadamente, no seu primeiro ataque de hysteria...

# A VIDA CURIOSA DE GABRIELE D'ANNUNZIO

Gabriele d'Annunzio, poeta, soldado, herói, vive uma vida tão singular que a gente que de testa o escriptor fica querendo bem ao homem. Depois que a velhice chegou (a gente chega mesmo a pensar ser paradoxo a velhice num homem de tão grande força vital.) fez-se solitario e vive á beira do lago Garda uma existencia de verdadeiro ermitão ou cavalheiro de Graal. Interessante esse homem. Quando mancêbo as mulheres murmuravam o seu nome lyrico com um devotamento religioso e os homens quando falavam no Homem era com H maiúsculo como querendo frisar a differença existente entre o poeta e o soldado. O seu castello em Catullo faz pensar nestes palacêtes de contos de fada. Ahi entre as madresilvas e os cyprestes, entre os oliveiros e as flôres, debaixo dos ramos possantes das trepadeiras, passa o Garda manso e cinzento; ali vive o poeta todo de branco com os olhos perdidos no disvirginamento das paisagens... O que admira então é o silencio em que vive. Um silencio tão grande que as suas creadas usam velludo nos tacões e andam nas pontas dos dêdos abafando os passos afim de não perturbar o recolhimento interior do poeta, pois ellas tem a convicção de que deste seu isolamento integral do mundo sahirá alguma coisa de mais notavel que o heroismo de Fiume. Como qualquer sheik arabe, recostado em coxins, pensa esse homem sem cabellos e zarólho que antigamente ao passar pelas ruas de Roma os homens se descobriam respeitosos e humildes como á passagem do corpo de Christo.

...E' mêsimo de encantar o coração mais empedernido esta sua completa abstracção ao mundo numa época em que a ebriedade quasi selvagem do mundo nos chama como iman.

Porque em tudo que o cerca ha qualquer coisa de puramente mystico. Desde as arvores ao vento em tudo que o rodeia finalmente ha esse virtualismo divino das cousas solitarias, onde até os cyprestes, arvores fidalgas, se curvam em attitudes de quem ora em silencio. A' imaginação das creanças um scenario de tão íntimas bellêzas lhe parece ser o logar ideal para a residencia dos príncipes encantados. Pelo jardim, d'Annunzio passeia o seu ar ligeiramente calvinista, tocando nas rosas com os dêdos nervosos com a mesma suavidade e ternura amorosa com que passaria as mãos pelos cabellos das creanças. A' tactilidade de seus dêdos as petalas das dahlias tornam-se mais moles como se sentissem as carícias de suas mãos, mãos que não ficariam nada a dever juntas das de Elonora Duse, uma das recordações mais vivas de sua juventude perdida.

Para tudo, até mesmo para as pedras brutas que lhe andam em roda, elle é de um devotamento amoroso quasi sanfranciscano de gestos. Os ar-

ruhos dos pombos lhe parecem elegios e ha lamentos nos ruidos da ventania e até o bater de azas dos passaros lhe lembra adeuses. Ha nesse seu gosto quasi primitivo de melomano pela musica da naturêza muito da alma do poeta. Este talvez seja um dos muitos motivos porque os dannunziographos quando falam no poeta referem-se sempre ao divino como se o nome do poeta não bastasse para cobrir a ancia lyrica de que se vêem possuidos.

A sua mocidade daria um romance extraordinario nas mãos de um Maurois. O elemento feminino pôde-se dizer foi toda a sua preocupação na juventude. Tinha uma verdadeira queda por tudo quanto cheirava á saia. E foi um terrivel caçador de saias. Em materia de donjuanismo se não foi mais ardente que Byron em compensação ultrapassou o temperamento de Shelley o que já era alguma coisa. Era mais Caliban que Ariel. Então quando a fama chegou foi que duplicou-se essa sua preocupação. Os seus livros andavam de mãos em mãos, de donzellas a donzellas e as mais exaltadas atiravam-se a seus pés como quem se atira ao confissionario. E Gabriele as ouvia encantado cheio desse doce orgulho que bem caracteriza os latinos do resto dos outros povos. Era desses homens que punha os labios numa cabelleira feminina com a mesma satisfação com que punha o rosto numa bacia dagua.

As mulheres que não se aproximavam delle escreviam-lhe certas apaixonadas, outras pedindo-lhe conselhos sobre modas, infidelidades conjugaes, sobre namorados etc. etc.

Li em Paul Reboux que certa vèz ao deixar um hotel em Roma elle deixou um armario "inteiramente cheio de cartas de amor escriptas por mulheres, e que não se incommodara de abrir." Interessante esse Gabriele. No meio de todas essas tentações não se esquecia de ir a Capella Sixtina orar com a mesma devoção de qualquer frade.

Com a frequente publicação de seus livros apareceram avulsamente algumas pedradas que não attingiram o ponto determinado. Enrico Thovez denunciou-lhe até plagios. Longe de zangarse d'Annunzio respondia-lhe as pedras com outras maiores. Hoje vive solitario esse homem que certa vez deu as costas a um jornalista por ter este lhe perguntado qual o maior escriptor da Italia. Hoje vive só o divino Gabriele no meio do maior silencio como se o menor ruido lhe ferisse os ouvidos hipersensíveis de ter ouvido tanto barulho de canhão e metralhadora. Elle deve ter aprendido nesse doce isolamento a perscrutar os horizontes das coisas com mais intelligencia que com os seus bellos olhos verdes hoje tão estupidamente deformados. . .

# M A D R A S T A

Conto de Carlos Paurilio

—Deixa de lagrimas, querida! O Joãozinho é um parvo, não sabe o que faz. Amanhã eu o levo a um internato...

Como queria ao Joãozinho! O seu rosto papudo e corado, entre os loiros cabellos em cachos, era comê uma alvorada para ella. Ao vel-o pela vez primeira, vestido na sua roupinha de marujó, de gola azul, experimentara logo um desejo doído de dar-lhe beijos. Tentára apoderar-se de seus labios. Mas o menino ficára sério como um homemzinho e ella tivera pudor de insistir.

Desde esse dia, amava ao enteado, como se fôsse o seu proprio filho. Entretanto tivera um vago presentimento de que seria difficil a conquista daquella alminha rebelde e ainda tocada dos passados desvelos maternas. Adivinhára que seria uma luta embalde. Nunca que podesse substituir naquelle coraçãozinho tolo a sua mamã defunta.

Anna não comprehendia, de tão ingenua e terna, por que no mundo existem mães desnaturadas que enjeitam os filhos e outras que os eliminam desapidadamente antes do nascer. Todavia tinha a prova disso. Uma sua amiga, alegando pobreza, tomára remedio para abortar. Tambem uma vez se encontrou, manhã cedo, á porta da igreja, uma creança de poucos meses, encolhidinha de frio, choramingando...

Anna raciocinava sobre esses crimes, mas ficava sem comprehender, de tão monstruosos que lhe pareciam. Estava inclinada para esse erro de intuição que faz se julgue os outros por si. Porque era bondosa e affectuosa, e sensível, pensava que todas as pessoas tivessem a mesma indole.

Desde pequena era assim. Vivia sempre cercada dum povo de bonecos, a que ninava nos braços, como se fôsem meninos de verdade. Aquelle palhaço de panno que lhe fazia tanto rir, e aquella boneca de loiça com modos de senhorita, e até aquelle moleque lustroso e pachola que lhe deu o padrinho no dia de seu natalicio, todos lhe acordavam no intimo ternuras desconhecidas. Anna ignorava que elles viessem de lojas differentes. Imaginava que

formassem uma mesma família, que fossem irmãozinhos.

Depois, já mocinha, ansiava por um pequenino ser a quem se dedicar com toda a força de alma. Não era como as outras moças que pensam no matrimonio como numa realização de seus devaneios de donzella romantica ou interesseira. Nem a curiosidade, nem o interesse, nem o desejo, nem o amor, — teriam o poder de entregal-a a um homem. Desposaria só para ser mãe. O instincto da maternidade dava-lhe aos braços um rythmo de embalo. E ella vivia decorando com esperança todas as cantigas de ninar.

Naquella ruazinha de arrabalde onde morava, Anna tornára-se a mamã de todos os petizes. Mamã que nunca se cansava, que tambem brincava de ciranda, bocca de forno e bacondê-bacondê, com os seus amiguinhos da vizinhança. Pouco e pouco, a fama de sua bondade tanto se espalhou, que vinham de longe, de não sei donde, outras creanças, para vel-a e tambem brincar. Eram meninos orfãos, meninos sãos, meninos vagabundos. E a todos ella acolhia sorrindo com doçura.

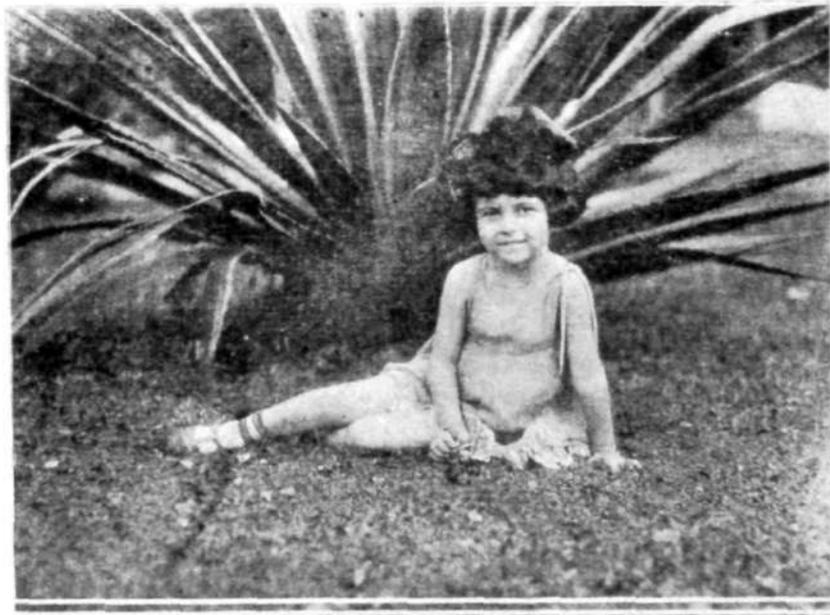
Só o Joãozinho quedava indifferente. Mostrava-se, deante della, evasivo ou zangado. Valia-se da fuga ou afetava ares de desafio.

A sala de visitas era o campo de batalha, onde Anna perdia sempre. Abi estava em retrato a mãe de Joãozinho. A moça olhava-se ao espelho e compçava-se á morta. Decerto ganhava em formosura. Mas o menino não era nenhum juiz de beleza. E talvez as imagens encantem mais aos olhos, porque estão mais perto do sonho.

Anna ia teimando. Não se fatigava com as constantes derrotas. Ensaivava seduzil-o com guloseimas e brinquedos. No dia em que elle completou os oito annos, deu-lhe de presente um pião de mola, bonito de côres. Mas o enteado preferiu a carrapeta que a sua mamã lhe fizera antes de ir para o céu.

Outrora era assim: se sabia a lição, si se portava bem na presença de visitas, si simplesmente lhe dava um beijo, por qualquer motivo de intelligencia, dignidade ou afeição, a

(Continua na pagina 15)



O nome desta encantadora moreninha é Divanise Cavalcanti. Ella é uma das mais vatadas no concurso de Belleza Infantil do "Diario da Tarde"

# C O N F L I C T O

Para o Willy

*A minha lição de cosmographia  
e a minha namorada que gosta tanto das estrellas.*

*E os juizes continuam ignorando*

*A arena terrivel que ha dentro de nós.*

*Amanhã lição pessima na certa.*

*Mas uma optima victoria, sentimental.*

*Uma inutil sabedoria.*

*As ligas contra o analphabetismo  
devem neste caso voltar-se contra o coração.*

*Mas Deus tambem fez o mundo para todos.*

*Para namorados e astrologos.*

*Eu sinto que neste momento*

*As estrellas fazem parte da minha alma  
e os cosmographos querem roubar agora a  
minha alma.*

A L O Y S I O B R A N C O

MATINEES DO PARQUE



## QUANDO EU QUEBREI A MINHA PRIMEIRA BONECA

(Do Diário de uma garota ingenua)

Jane morreu, mamãe!

E nessa phrase, solta assim as tontas, você viu toda a desgraça que acabava de abalar moral e physicamente o meu eu!

Ante seus olhos commovidos, eu me tornei muito grande, sublime, quasi, na minha dôr.

Jane, mamãe!

A minha predilecta. Aquella lourinha linda, de olhos muito azues, que o papá Noel me deu o anno passado!

Com o corpo sacudido pelos soluços, vibrando, toda emoção, eu falei muito tempo da Janesinha querida, e do que ella tinha sido para mim, na vida.

Você, lembro-me ainda, ficou muito seria, me deixou fallar, sobre mil e uma futilidades da vida de minha boneca querida.

Continuei a fallar, sentindo um prazer amargo em relembrar os pequenos detalhes do seu passado.

Lembra-se, mamãe? Ella ficava encantadora com aquelle vestido côr de rosa, de babados... Com aquella touca de laços vermelhos, que você fez, como ella se punha toda faceira!

Pouco a pouco fui deixando de fallar, extenuada, de olhos enxutos, ficando apenas o coração a bater descompassadamente.

Você começou a dizer muito de-

vagar com sua voz doce, muito lenta, que eu era uma tolinha... que muitas meninas tinham perdido bonecas, tão lindas como a Jane, e logo se tinham consolado. Terminou promettendo que o papá Noel me havia de dar outra Jane, mais bonita talvez, no proximo natal.

Larguei-me dos seus braços bruscamente, e me pondo firme, me fazendo grande, disse:

—Não. Nunca mais, mamãe, pôde haver para mim, uma outra Jane!

MARLUCE.

## BILHETE

...Ella sabe que é bonita, muito bonita com aquelles seus olhos de um verde brando de folha nova, de um verde d'agua, lípidos, cheios de luz; com aquelles seus cabellos sêdosos, de um castanho dourado, lindamente em ondas; com aquelle seu sorriso de encantamento, de felicidade...

E' naturalmente, sem se aperceber, de uma grande, immensa faceirice; possui uma collecção primorosa de boinas listradas, de feltros pequeninos, apertados como turbantes, de capellinas floridas; de vestidos: uns, leves, graciosos, de passeio; outros, de taffetá brilhante, de lantejoulas coloridas, de tulle fino, vaporoso, de velludo macio. Si ella mesma dirigisse a sua fortuna, gastaria tudo em rendas, sêdas, plumas, fitas, mil nadas... e que seriam daquelles pobres olhos côr de fôlha que não foram feitos para chorar?...

...Você, meu amigo, procura pacientemente, com a constancia de um colleccionador, um bibelot de luxo assim, e—você tem bom gosto;—mas não pense nella, nesse mimo precioso de graça e belleza de que lhe falei: —Lila nunca lhe daria sua linda boneca...

3-6-930.

THEREZINHA CALDAS.

## MADRÁSTA

(Conclusão)

mamã ia á cozinha e duma almofada escondida furtava os bilros para a sua carrapêta, em prejuizo das lindas rendas e dos bicos da velha Balbina.

Naquelle dia, Joãozinho não suportou mais a sua aversão e, acintosamente, rebentou ao solo o pião de mola, de côres bonitas. Foi quando Anna teve a certeza de que seria uma inutilidade toda a sua ternura. Madrasta e enteado como nós contos populares, não se chegariam a entender nunca. E, desencantadamente, mesmo á vista do marido, estalou em soluços.

—Não chore, querida! Amanhã deixo o Joãozinho internado no Collegio dos Maristas. Assim não lhe aborrece mais a toda hora. Só tem licença para vir á casa de mês em mês...

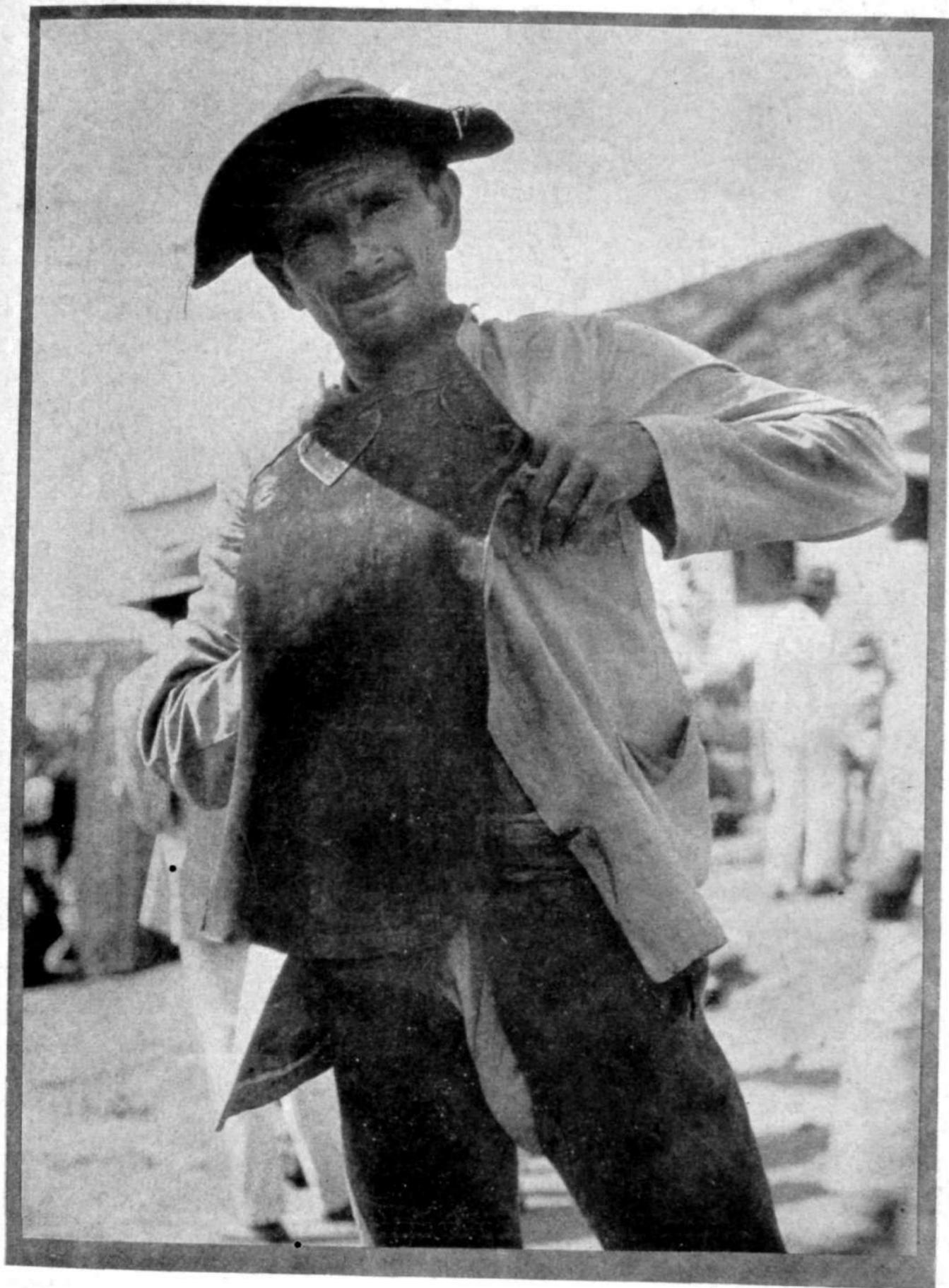


O Prof. Meijas, medico da Casa Real de Hespanha, e o Prof. Vicente Licinio Cardoso, da Escola Polytechnica do Rio de Janeiro, olham como são colhidos os côcos em Bôa-Viagem.



Marina Torre

Miss Rio de Janeiro



O vaqueiro

F. REBELLO



Terça-feira ultima, data do seu aniversario, a Condessa Pereira Carneiro recebeu as homenagens da Sociedade Pernambucana.



# Poemas da infancia brasileira

## I

## CABRA CÉGA ...

- Cabra cega, de onde vieste ?
- Do Queimado.
- Que me trouxeste ?
- Uma cabaça de mel.
- A quem deste ?
- A Manuel.
- Queres ouro, ou prata ?
- Quero ouro !
- Pois, dança que nem bezouro ...

Então, com os olhos vendados,  
ao empurrão gyrotorio que succedia á ultima

resposta

e que era a delicia do bando endiabrado,  
o menino rodopiava sobre os calcanhares

e, ás tontas, lá ia

tacteando

ás cégas buscando passar a outros olhos a  
venda e os percalços do velho brinquedo ...

## CABRA-CÉGA ...

Brinquedos da Infancia ...

Tão longe ...

Tão perto !...

(Mais perto ainda hoje !)

E no adro da igreja, que dóida alegria !  
que tonta algazarra !...

CABRA-CÉGA de minha meninice ...  
Luar de dezembro... Noitadas de maio...  
No céu de brinquedo,  
a correria das estrellas :  
a cabra-céga era a Lua-Cheia ...

Mas, depois ...

Ser homem ...

Complicar-se todo ...

Vêr que o destino nos venda os olhos e nos  
empurra ...

Brincar cabra-céga nas noites da Vida com a  
Sorte malvada !

— Cabra cega, de onde vieste ?

— Do Queimado

— E, que me trouxeste ?

— Uma cabaça de mel.

— A quem deste ?

— A Manuel.

— Queres ouro, ou prata ?

— Quero prata.

— Pois, dança que nem barata ...

Tal me foi dito, tal venho fazendo.

Nem ouro nem prata

mas dançar como barata ...

A Cabra-céga da Vida ...

# A U S T R O C O S T A

## PEQUENAS

### MARAVILHAS

### DA NATUREZA

(Por Jules Renard)

As nuvens são os pensamentos,  
as scismas, os pesadellos do  
céo.

Que silencio !... Ouço todos  
os meus pensamentos.

Um pastor com o seu rebanho  
lembram uma igreja com a sua  
aldeia.

Só a fumaça pode saber se ha  
vento.

A estrada passa sobre a mon-  
tanha como o suspensorio sobre  
um hombro.

O sol ainda não desapareceu  
e já surge a lua para ver o cele-  
bre sol de que tanto se fala.

O morcego parece sempre voar  
entre quatro parêdes.

O vento chora todas as suas  
lagrimas para a vidraça.

## BRASILEIRO

herdei do indio bravo  
um grande amor retrospectivo  
pela raça primitiva,  
vermelha, tropical e heroica  
que me lembra de verdade minha  
[patria  
conservada pura e brasileira  
— devia ser caheté...

herdei do negro triste  
a nostalgia longa das terras infi-  
[nitas,  
o banço secular  
que me dá saudade das terras que  
[eu nunca vi  
e das mulheres que eu não amei

—...ou filho fôrro de mãe preta.

RAUL LIMA

# A S O C I E D A D E

## FEIRA

### DE

## SORRISOS

Um exiguo chapéozinho de palha indiana apertando muito a cabecinha morena de uma "flapper" moderníssima...

Quando a gente descobre um chapéozinho desses, numa poltrona de cinema bem perto da nossa, o unico remedio é renunciar aos tres mil e trezentos da entrada e tomar a decisão de perder o film.

Eu acho que os "fans" convictos deviam iniciar uma grande campanha pelos jornaes contra o uso desses chapéozinhos excitantes que nos distraem, afastam os nossos olhos da tela e fazem-nos esquecer as "Key situations" de alguma película notavel, obra prima da setima-arte.

Sou capaz de apostar que, em taes circunstancias, até mesmo um socio do "Chaplin-Club" desistiria de olhar para o "écran", durante um film de King Vidor.

Decididamente, os cinemas precisam de "toilettes" onde se guardem todos os chapéos femininos até o fim das sessões.

Mas... e uns cabellos á ventania, soltos, libertos, perfumados?

E' tão difficil remediar essas coisas...

JEAN

## ANNIVERSARIOS

### CONDESSA PEREIRA CARNEIRO

Terça-feira ultima, anniversario da exma. sra. Condessa Pereira Carneiro, ao lindo palacete da Avenida Manoel Borba compareceram as figuras mais destacadas e representativas dos nossos altos circulos sociaes.

Com a habitual fidalguia que os caracteriza, os srs. condes receberam os convidados para a festa elegantíssima, que marcou um accretimento notavel nos annos da nossa historia mundana.

Dr. Carlos de Lima Cavalcanti. — Completa annos hoje o dr. Carlos de Lima Cavalcanti, director do "Diario da Manhã" e do "Diario da Tarde".

Faz annos hoje o joven Fernando de Barros, figura muito querida em nossas rodas sociaes.

### HOJE:

Dr. Sebastião do Rego Barros.  
Sra. Brunhilde Amorim Costa Simões.

Sra. Angelina Barros.  
Senhorinha Almerinda do Amaral.  
Sr. Diogo Cabral de Mello.

### DIA 8: —

Dr. João Barretto de Menezes.  
Dr. Manoel Monteiro.  
Senhorinha Iracema Costa.  
Sr. Roberto Campos.  
Sr. Ernesto Nascimento.  
Senhorinha Aurea Nunes.  
Sra. Maria José de Senna.

### DIA 9: —

Dr. Paulo Cahu'.  
Maestro Manoel Augusto.  
Sr. Romildo Rodrigues.  
Menino Edmir Silva.  
Sr. Antonio Gomes Filho.  
Dr. Julio Pires Ferreira.

### DIA 10: —

Deputado Costa Ribeiro.  
Sr. João Pessoa de Queiroz.  
Senhorinha Yolanda Porto.

Sra. Victoria Vieira.  
Sr. Amadeu da Costa Ramos.

### DIA 11: —

Sr. Nehemias Gueiros.  
Sra. Aureolinda Costa.  
Sr. Romildo Queiroga.  
Sr. Heltor Pires Vergueiro.  
Senhorinha Antonietta Ferreira Gomes.

### DIA 12: —

Sr. Antonio Pinto de Lemos.  
Dr. Virgilio Campello.  
Sra. Maria Mascarenhas de Mello Ferreira.  
Sra. Laura de Magalhães.  
Dr. Pedro Correia de Mello.

### DIA 13: —

Dr. Antonio Barbosa Garret.  
Senhorinha Antonietta Costa.  
Sra. Antonia Nunes Rego.  
Sr. Antonio Lemos Duarte.  
Sr. Antonio Cavalcanti.



Condessa Pereira Carneiro

## Um prefácio de Jean Cocteau para a sua peça La Voix Humaine

O autor gosta das experiências. Existe o habito de lhe perguntarem o que pretendia fazer, depois de se ter visto o que elle fez. Talvez seja mais simples, por isso, que elle proprio informe em primeira mão.

Varios motivos determinaram-n'o a escrever esta peça:

1.º — O motivo mysterioso que obriga o poeta a escrever, enquanto que todo o seu ocio profundo a isto se recusa e sem duvida, a lembrança de uma conversa no telephone, a singularidade grave dos timbres, a eternidade dos silencias.

2.º — Censuram-n'o de agir machinalmente, de "machinar" demasiado suas peças, de contar demasiado com a "mise en scene". Importava-lhe, pois, ir ao mais simples: um acto, um quarto, um personagem, o amor, e o accessorio banal das peças modernas, o telephone.

3.º — O theatro realista está para a vida assim como estão para a natureza as télas do Salão de Bellas Artes. Seria preciso pintar uma mulher sentada, não uma determinada mulher, intelligente ou estúpida, mas uma mulher anonyma, e fugir ao dialogo, ás palavras da amora, tão insuportaveis quanto as pa-



Mr. Dupont, director da "Aeroplance" da C. G. A. em Pernambuco, que fez annos hontem

lavras infantis, emfim supprimir todo o theatro "d'après", o theatro que se tem feito substituir venenosamente, unctuosamente e sorrateiramente ao theatro propriamente dito, ao verdadeiro theatro, ás algebras vivas de Sophocles, de Racine e de Molière.

O autor percebe a difficuldade da empreza. E' por isto que segundo o conselho de Victor Hugo, ligou a tragedia e o drama com a comedia, sob os auspicios da intriga que propõe o mais improprio aparelho para tratar dos negocios do coração.

4.º -- Emfim, uma vez que lhe objectam sempre que elle exige de seus interpretes uma obediencia prejudicial aos seus dons, e que reclama sempre o primeiro logar, o autor desejou escrever uma peça illegivel, que, do mesmo modo que o seu *Romeo* se intitula "pretexto á mise-en-scene", seria o pretexto para uma actriz. A arte desta pôde eclipsar a obra porque o drama fornece-lhe a oportunidade de representar dois papéis, um enquanto ella falla, um outro enquanto escuta e delimita o caracter do personagem invisivel que se exprime por silencias.

Jean Cocteau

P. S. — Seria um erro pensar que o autor procura a solução de algum problema psychologico. Trata-se, apenas, de resolver problemas de ordem theatral. A mistura de theatro, tribuna e livro, sendo justamente o mal contra o qual seria preciso intervir. Theatro puro seria o termo da moda, se theatro puro, poesia pura não fossem um pleonasmio; poesia pura significando: poesia — e theatro

puro: theatro. E' só o que existe.

O autor acrescenta que deu este acto á Comédie Française para romper com o peor dos preconceitos: o do theatro novo contra as scenas officiaes.

O boulevard cedeu campo ao cinematographo e as scenas chamadas de "vanguarda" tomaram, pouco a pouco, a posição do boulevard; um quadro official, quadro em ouro, é o unico capaz de accentuar uma obra de que a originalidade absolutamente não salta aos olhos.

O publico do novo boulevard espera tudo; está avido de sensações e não respeita nada. A Comédie Française possui ainda um publico avido de sentimentalismos. A personalidade dos autores desaparece em beneficio de um theatro anonymo, um "espectaculo da Comédie Française", propria para dar ás obras o relevo e o fracasso de que ellas gozam quando a actualidade não as deforma mais.



Apressada...



Miss toda de preto...

# Tres dias em contacto ele-

O MAGO — O HOMEM ENCANTADOR — SUA NERVOSIDADE — A CARAVANA TRAGICA DOS ENFERMOS — A DOR HUMANA PERANTE A MARAVILHA — A PRIMEIRA LIÇÃO DE ASUETHERAPIA EM BUENOS AYRES — O DOUTOR ASUERO EM "CARAS Y CARETAS" — O CASO DA SENHORA ORFILIA RICO — A CHIMÉRA

Por JUAN JOSÉ DE SOIZA REILLY

(Trad. de "P'ra Você")

## O MAGO

E, sem duvida, um homem encantador. Risonho, affavel, franco, dinamico, brilhante. Conquista facilmente. Ouvindo-o falar com tanta simplicidade, goza-se o prazer angustioso e electrico da musica moderna. Prodigaliza-se em palavras com a rapidez de uma luz. E' um homem sem dissimulações. Tem o dom da raça. Transmite a seus ouvintes uma continua vibração magnetica. Basta que converse para que a atmospheria se imprégne de sua força saudavel. Não fatiga; não aborrece; deleita... Em sua voragem verbal existe, como na canção das Serelas, o rythmo immovel da força centrifuga. Tão depressa está junto de nós, como desaparece; some-se da vista; mette-se pela terra a dentro; evapora-se na harmonia de uma palavra magica...

— Onde está Asuero?

Reconhecemol-o pelos seus gritos. Surge no "hall" do hotel, vociferando ao servente em tom carinhoso:

— Vamos, homem! Faz vinte e quatro horas que te pedi um whisky. Será que, aqui em Buenos Ayres, é preciso buscar o whisky nas bodegas do Soldado Desconhecido? Vamos, homem! Um whisky não se nega a ninguém. Serve depressa, palerma! Quando me chegar a hora da morte hei de mandar-te buscá-la.

Saboreia o alcool com orgulho. Levanta o cópo no ar com a elegancia pittoresca do jogral que, na praça popular, exhibindo uma lampada accessa, vae provar que é capaz de beber petroleo.

— Serve-me outro whisky!

Dá prazer vel-o assim tão expansivo. Outro em seu lugar, com o seu talento, viveria como perpetuo levita de acadêmia. Outro, com seu prestigio universal, adoptaria attitudes de estatua. Outro, com a sua habilidade, dissertaria em termos difficéis, por meio de apotegmas. E' um homem modesto, agradavel, delicioso. Dir-se-ia um desses vasconços de ferro que, nos restaurantes de provincia, são capazes de apostar, por capricho, que podem beber trinta litros de cidra ou engullir dez duzias de ovos com casca...

## OUVINDO OS ENFERMOS

### O Mago!

Faz tres dias que vivo em contacto directo com o doutor Asuero. Quero estudal-o a fundo. Dentro de cem annos toda a gente quererá noticias fidedignas deste mago, portador de uma nova esperança. De manhã installo-me, como um movel, em uma salinha de recepção, no Hotel Hespanha. Escuto-o sem dizer uma só palavra. Se desce a sala de jantar, acompanho-o, ouvindo-o. Se resolve sahir para fazer visitas, elle proprio incorpora-me ao grupo de seus amigos predilectos. Ando atraz delle, como um simples microphone

ambulante. E' um homem que não pôde estar só. Seu temperamento artistico necessita de auditorio. Queixasse, com razão, da loucura dos pobres enfermos que vêm procural-o. Não o deixam andar pela rua, nem pelas escadas, nem no elevador, nem no quarto de dormir. O passeio da avenida de Maio está chelo de gente. São paes ou mães loucos de dor porque têm um filho paralytico ou mudo. E a tragedia familiar que sêe á rua em busca do milagre scientifico. E' o amor, emfim, que, descrente, cáe de bruços, chorando...

— Tenho um filho enfermo. Salve-o, doutor!

— Impossivel! — responde sempre Asuero. — Não posso. Não me deram licença.

As mãos erguem-se, implorando. O medico segue seu caminho, com os olhos vidrados, perdendo-se na sombra, trágado pelos ascensores. Em cada



SOIZA REILLY

esquina surge uma mãe!... O proprio hotel está chelo de enfermos, alguns incuravels, com a herança horrivel do seu atavismo nas costas. Ali esperam a salvação ou a desillusão... Algumas creanças brincam nas portas das casas. Estão ali, de proposito, para que o mago, ao cruzar o pateo do hotel, detenha-se para olhá-las. São tão poderosas os olhos das creanças enfermas!...

Asuero passa, rumo ao refectorio, deante de uma porta proxima á sua. Um garotinho, deitado na cama, chama-lhe a attenção pela beleza de seu rosto de rosa.

O pequeno — um anjo de Rubens — faz-lhe uma caretta.

Por traz — na sombra — a mãe, sem duvida, murmura-lhe:

— Sorri. Chama-o. Este que passa dorados do baby:

— Vem cá, belleza!

Levanta-o á altura de um beijo. Depois tenta pô-lo de pé sobre a cama. O menino dobra-se. Cáe. Suas perninhas são de gelatina.

Apparece — na sombra — a mãe:

— Cure-o, doutor! Salve-o! E' meu unico filho. Ha dois annos que tem as pernas assim. Cure-o doutor! Dê-lhe-el todo o ouro do mundo! Pedirei emolas. Salve-o doutor!

Duas lagrimas humedecem o rosto do mago:

— Não posso, senhora. Não posso! Deita a correr. Dispara. Foge. Refugia-se na sala. Soffre. E' um violino de sensibilidade. Para disfarçar, vociferas:

— Vamos homem! Digo-lhe que é o fim. Vou morrer. Vão me matar. Isto não é vida. Cuve, rapaz! que me tragam um refresco. De maçã, de whisky, qualquer que seja! A angustia desta gente soffoca-me. Vim a Argentina para vel-os, para quere-l-os, para admirar-l-os. Não me deixaes nem admirar-l-os, nem quere-l-os nem vel-os.

Faz dez dias que estou em Buenos Ayres e não conseguí dizer que quero a vossa patria como queren os bascos: a gritos sinceros da alma...

Levanta-se de novo. Consulta o relógio...

— Que horror! Tenho uma fome horrivel! Que me tragam uns sandwiches... Vamos homem! Sentir appetite; estar convidado para mais de vinte almoços e não poder comparecer a nenhum. Atraz de cada convite há um enfermo occulto. "Venha almoçar, doutor"... Sim, sim, bom almoço... E' sempre uma senhora paralytica, um senhor claudicante, uma creança enfaixada... Eu não curo essas coisas! Não curo lesões organicas. Ai que fome! Devo ter febre. Por favor, meus amigos, desculpem se vou para a cama. Esta noite não pude dormir...

Quando seus nervos accusam mais de cem pulsações, implora pela Virgem que lhe levem ao Pólo. Deita-se dando grandes suspiros, com a alegria de um tresnoitador que jura dormir por tres ou quatro mil annos.

Ainda bem • cabeça não repousa no travesseiro, seus gritos retumbam de novo:

— Por que me deixaes só? Vamos, homem! Conversem commigo! E continua conversando em phrases curtas.

De repente agarra-me pelos hombros:

— Ouve... Levam-me-ás a "Caras y Caretas"? Ou não queres que visite tua casa? Sabe que sou grato a tudo o que fizeste por mim. Foi "Caras y Caretas" a primeira publicação da America que diffundiu meus triumphos. Primeiro, o estupendo artigo de Salaverría. Depois a cura da filhinha de don Andrés Mil-lé...

Ao entrar em "Caras y Caretas" tira a boina basca. Sau'da os companheiros de redacção e administração, agitando as mãos.

Fala com todos. Mostra a bengala que traz. Uma bengala vasconça com estoque e com ponteira de aço:

— Trago-a para o presidente de vossa palz — explica o inago — como uma modesta lembrança dos vascos. Vêem? No cabo apparecem os sete escudos das sete provincias vasconças. E em volta, uma legenda que diz: "Cuidado com as bruxas".

— Não diz nada dos bruxos?

Elé ás gargalhadas. Explica que não veio á Argentina como medico:

— Vim simplesmente a passeio. Vim

# ctrico com o doutor Asuero

conhecer vosso formoso paiz. Não me apresento como creador da asuerotherapia, porém como Fernando Asuero. Nada mais!... Toda a gente, apesar disto, insiste em acreditar que sou um substituto de Lourdes. Julgam que faço milagres. E' certo que com meu systema tenho curado 96 por cento, porém, sempre que não haja lesões organicas. Não posso fazer pernas, nem braços, nem pulmões. Não curo doenças. Curo doentes...

— E a velhice?

— Se é velhice de calendario, não curo. A outra sim. Vamos, homem! Vêreis milagres quando vossos medicos adoptarem meu systema. Porém que grandioso é o vosso palacio! "Caras y Caretas"! O desejo que sentia eu de conhecer, de perto, esta potencia periodistica...

Vae saber. Sau'da com sua boina basca, deixando atraz de si o fluido maravilhoso de sua sympathia.

## LIÇÃO DE ASUERO THERAPIA

O doutor Asuero pergunta-lhe nervosamente-me para a primeira lição de Asuerotherapia dada em Buenos Ayres.

— Vem cá — disse-me, tratando-me por tu, como trata a todo o mundo.

Na salinha do hotel já estão os medicos reunidos. Assistem a reunião os doutores Alberico Lagomarsino, Julian Echevarria, Luis Fuentes, Mauricio Langoni e Rafael Segarra. Ha excepção especial para dois periodistas: meu perspicaz collega o senhor Diéguez e eu.

— Vae fazer a experiencia num doente?

— Não, senhor. E' prohibido. Escolheremos uma pessoa sã. Aqui está meu parente, o senhor Luis A. Fourvel, que se prestará de boa vontade á demonstração.

Logo começa a gritar:

— Onde está Sampayo? Onde se meteu Sampayo? Sampayo!

Aparece, como vindo do outro mundo, um cavalheiro fraco, de olhos profundos, silencioso, triste, de mãos quentes. E' o doutor Sampayo, medico ajudante do doutor Asuero, que veiu da Hespanha com elle. Sua fama de medico foi além das fronteiras do proprio paiz.

O doutor Asuero pergunta-lhe nervosamente:

— Traz os estyletes?

— Aquel estão — responde Sampayo com sonhadora languidez.

Fecham-se as portas a chave para que ninguém interrompa a asuerotherapia. O senhor Fourvel installa-se, sem susto, numa cadeira defronte da janella. Asuero esgrime um punhado de tres estyletes de nickel que terminam numa roseta. Os olhos dos medicos não perdem um só dos movimentos do mestre. Nobre attitude que exprime um desejo insaciavel de aprender!

Asuero, dirigindo-se ao doutor Lagomarsino, diz-lhe rapidamente:

— Começa-se assim, vê, sem anesthezia, sem avental branco, sem coisa alguma que assuste o doente. Primeiro coloca-se o espéculo. Depois introduz-se, vê, o estylete sobre a base da fossa nasal, procurando attingir a pharynge. Move-se-o um pouquinho e deixa-se all.

Toma-se outro estylete que toque, como vê, o cornete medio. E por fim desliza-se o terceiro estylete até tocar o cornete inferior, excitando o trigemeo. Ah! está! Viste como é facil? Agora um golpesinho aqui; uma fricção ali. Ah! está! Com estas percussões provocam-se reflexos. Vês? O paciente começa a transpirar. Sua. Dilatam-se-lhe as pupillas. Lacrimeja... Desapparecem as embolias. O sangue circula. Se este homem fosse astmatico, adeus asthma! Se soffresse de rheumathismo, adeus rheumatismo! E' maravilhoso! Não estás convencido?

Os olhos dos medicos acompanham desesperadamente o vae e vem das mãos



Asuero

nervosos e febris de Asuero, enquanto golpeia e fricciona suavemente a cabeça, o queixo, a fronte do bom senhor Fourvel que, erigido de agulhas, com a cabeça inclinada para traz, parece um engole-espadas.

O doutor Lagomarsino, que é um dos nossos melhores especialistas, inclinado para o doutor Asuero pergunta-lhe:

— Existe, mestre, alguma technica especial para estas percussões?

— Qual, homem! Não! Isto fica ao teu arbitrio. Pegas ao acaso. Só deves olhar os olhos do paciente para te certifica-

res-se lhe provocas reflexos. E' facil! Já vê, que não se trata de magia. Sciencia pura e nada mais. A verdadeira sciencia, meus filhos, ha de matar a medicina...

Asuero extráe os estyletes das fossas nasaes. Mostra-os:

— Vês! Nem uma gotta de sangue. Limpos como entraram. Agora o paciente pesa cinco kilos menos do que antes da operação. Anda. Vae-te pesar logo, Luis. E' pena que não te tenhas pesado antes. Já a morte não te pôde rondar. Se não te matam a pedradas, resigna-te a ser immortal como os deuses!

Ri ás gargalhadas e corre para o seu quarto. Os medicos permanecem um momento em silencio, enquanto se ouve no corredor a voz de Asuero, negando-se a um doente:

— Vamos, homem! Não pôde ser!

Até quando devo dizer-lhes que não vim para curar? Prohibem-me as leis do paiz. Sinto muito, porém não sok Lourdes!

## CHIME'RA

— Pensa applicar o seu systema therapeutico na senhora Orfilia Rico? — pergunto-lhe. Todo o paiz tem os olhos fixos nessa encantadora avó do nosso theatro nacional...

— Bem o queria — responde-me. Assim que me autorizarem será ella, sem duvida, a primeira paciente a quem hei de tratar...

Pergunto-lhe se pediu permissão ás autoridades sanitarias do paiz, para exercer, aqui, sua profissão de medico.

— Qual! Como quer que eu peça uma cousa que as leis do paiz me prohibem? São as autoridades que me devem dar esta autorização... Se não m'a derem... Paciencia! Em todo caso, no ultimo dia, antes de embarcar, talvez me atreva a ver a senhora Rico...

— E o doutor Yrigoyen?

— Trago para elle uma mensagem verbal do meu rei. Na minha terra quem-n'o muito e admiram-no.

Uma commissão de distinctos cavalheiros vem buscar-o para ir almoçar. Na rua, defronte do hotel, a multidão se agglomera melancolicamente. São o doutor Asuero. O publico applaude o illustre hespanhol com delirio. "Viva o doutor Asuero!"

Uma senhora de muletas tenta approximar-se delle. Não conseguindo, estende o braço para tocar-lhe como se tocava num santo. Outra senhora detemno na porta do auto e beija-lhe as mãos:

— Cure meu filho, doutor!

Asuero, emocionado, com os olhos brilhantes de lagrimas, desespera-se como um menino. Queixa-se. Esfrega o rosto com as mãos para apagar a impressão daquelles corações tragicos. São almas que vivem da esperanza que elle lhes prometteu:

— Virgem santa, ajuda-me!

Eu penso na Chimera, o monstro fabuloso da mythologia a que os gregos davam o nome de Trigemeo.

— Ouve, rapaz! Traz um refresco. Do maçã, de whisky, seja lá do que fór! A angustia dessa gente soffocame...

## A INVEJA

Um ratão que havia se installado, recentemente, num certo sitio, envenenou-se com umas fatias de pão untadas com manteiga, nas quaes tinham posto certa quantidade de arsenico.

Agonizava em terríveis contorsões quando recebeu uma visita.

Vivia o ratão numa antiga, luxuosa e ampla habitação fechada por grossas persianas, pois era época de inverno.

O visitante, de rosto pallido, saudou-o com amargo sorriso:

— Que bem deves estar nesta morada!

— Deliciosamente! — exclamou suspirando o moribundo, com gesto mortal.

Fazendo um terrível esforço, começou a fazer as honras da casa, ostentando e offerecendo suas riquezas... provisões até a primavera.

— E é ampla; vê...

— Soberba! — respondeu o ratão visitante, passando de amarello a verde, doente de inveja e de qdio ruim.

De repente viu que o envenenado se contorceia.

— Que tens? Parece que soffres?

— Eu? Como ha de ser! Em tão ditoso lugar?... Porém tu também...

— Oh! não, querido; alguma ligeira indisposição de fígado!...

E ali estão ambos se debatendo em cruel angustia; um em frente do outro.

Porém succumbirá primeiro o invejoso; está enfermo de mais grave mal.

AFFONSO DAUDET

## O CORAÇÃO DE CHOPIN

Em 30 de Outubro de 1849 celebraram-se em Paris os funeraes de Chopin, na igreja da Magdalena. E sobre a fossa foi espalhada a terra que Chopin havia trazido da Polónia, no vaso de prata offerecido pelos amigos de sua patria. Dormir o grande somno debaixo de um pouco de terra patria, é offerecer-lhe o dom do proprio coração, foi esta a sua ultima vontade.

Assim foi feito. Seu coração foi levado e guardado em Varsovia na

egreja de Santa Cruz, onde um busto, num nicho marmóreo, e uma inscrição de poucas palavras assignalam o sitio da preciosa lembrança.

Sem embargo, ainda depois da morte, não havia de ser concedida a paz áquelle pobre coração que nunca havia sentido senão dôr, pela ausencia de seus paes, pela patria, pelo amor perdido.

Quando a Polónia foi invadida pelos russos, a urna contendo o coração do immortal musico foi enviada a Moscowa: triste episodio de guerra, ante o qual não se sabia si maldizer o inimigo levado a tal profanação, ou ter piedade do grande perseguido pelo destino. "Nada interrompe o tic-tac das pulsações de meu coração — escrevia ainda em Paris

— Oh se pudesse, sonhando, acalmar a dôr que me rõe o coração!...

E como passa lentamente a noite!... As lagrimas que não se podem verter sem um forte peso.

E não tenho mais remedio senão trabalhar em valsas que o publico ama e paga, e em mazurkas, com o coração dolorido"...

Assim Chopin citava sempre aquelle seu pobre coração que parecia inspirado, por mysteriosa concordancia, pelas borrascas do mundo exterior.

Em 1863 a revolução queimava o seu piano e em 1915 os russos arrancavam seu coração de Varsovia.

# F O O T - B A L L



TORRE  
2



AMERICA  
1

X



# RUFA



# c i n e m a

## "FEDORA" (Coração de Slava) com Pola Negri e Norman Kerry

### UM RESUMO DA HISTORIA DE "FEDORA"

Ao tempo em que começa a acção dramática, Moscovo é o mais activo centro social e mundano no rutilante império dos Czars. Os salões da grande cidade de prazer são o mostrador onde a Rússia aristocrática apresenta tudo quanto possui de mais requintado na arte, na literatura, na musica, na belleza, na opulencia.

A juvenil formosura da Princesa Fedora é uma das esplendidas galas desses salões, onde fulge a sua elegancia de princesa de sangue real. As linhas nobres do seu porte, a viveza do seu espirito, a distincção de sangue real. As linhas nobres do seu porte, a viveza do seu espirito, a distincção das suas maneiras, geram á volta della um halo de sympathia que é obra ao mesmo tempo de adoração dos homens de todas as idades, do despeito das mulhières de todos os paizes, que tão interessante colorido proporcionam á sociedade que se diverte.

Lá fóra, rugo o vendaval politico que amanhã sacudirá todo esse immenso império até os alicerces, e subverterá finalmente a ordem de coisas reinante, extirpando privilegios seculares, distribuindo de modo diverso a fortuna, estabelecendo uma nova organização social, baseada num mais amplo conceito da liberdade e da justiça.

Mas os prenuncios do furacão imminente passam por agora despercebidos aos ouvidos que se embalam ao rythmo caricioso das valsas de Straus, ao rythmo ainda mais empolgante das blandicias de amor e dos galanteios palacianos. E as recepções, os banquetes, os bailes, proseguem nos lares onde pavoneia a nobreza, enquanto lá fóra as multidões, de que ninguém cogita continuam arrastando a peza da cruz da sua servidão, da sua pobreza, da sua ignorancia e da sua fome.

Fedora acaba de penetrar no solar dos Straganoffs, a cuja familia pertence, após uma estação de festas na vizinha Moscovo, onde a sua formosura acobrou a messe habitual de galanteios e de declarações de amor.

A sua chegada á terra cossaca é motivo de grande alegria entre aquelles camponeses simples que a viram crescer e em cujos lares a sua bondade, a sua generosidade, tantas vezes semeiam a abastancia e a alegria. A porta, acolhe-a seu tio, o Grão Duque que governa a provincia, ultimo principe da sua estirpe com um entusiasmo que já reflecte o seu sonho de dal-a por esposa a seu unico filho Vladimir, e assim perpetuar a nobre linhagem, ameaçada de desaparecer para sempre. Fedora refere-se, então risos, os seus successos mundanos, a hecatombe passional que ella desencadeou á sua

passagem pela cidade de onde acaba de voltar:

— Nada menos de sete propostas de casamento tive em Moscovo! — referê.

— ... Mas eu recusei todas sets!

Desvanecido, acolhe o nobre senhor a afirmação de Fedora, traduzindo-a por um indício de que não soffrerá impedimentos o seu proposito de salvar o nome da familia.

Assim origina o regresso de Fedora um momento de alegria que seria completo se fosse pezar constantemente sobre o velho solar o terror das manobras dos Nihilistas que todos os dias repetem os seus attentados, num desvario de força e de vingança. O inspector de Policia Cretch, que no palacio dos Straganoff faz o seu quartel general, acaba justamente de communicar ao Grão Duque os seus temores, quando chega noticia de que o Principe Vladimir, que momentos antes sahira do Palacio, acaba de cair morto.

— Foram os Nihilistas! Foram os Nihilistas! — é a phrase que para logo acode a todos os labios.

Acompanhado por um grupo de seus fiéis, o Grão Duque corre á casa obscura onde Vladimir encontrou a morte. Acompanha-o Fedora, cujo coração tão depressa alanceia a primeira grande magua, desde que voltou ás terras do Don. Os dois se ajoelham junto do cadaver, envolvendo-o no fervor das suas orações. Transmuda-se o porte orgulhoso do fidalgo ante a evidencia do barbaro attentado que lhe

roubou o filho unico, a derradeira esperanza de perpetuar o nome glorioso dos Straganoff, ha tantos seculos ligado ás mais bellas tradições da nobreza do paiz!

— E assim se extingue a familia dos Straganoff! — exclama junto ao corpo inanimado.

Mas essa palavra reflecte tão só um passageiro num momento de fraqueza. A reacção é immediata no coração paterno, revoltado contra a tremenda injustiça:

— Mercê de Deus, estamos nós ainda vivos, e saberemos vingar a sua morte! — accrescenta.

E Fedora, revoltada, repete junto delle:

— Eu vos ajudarei a descobrir quem foi o assassino! Juro-o sobre esta cruz!

**AL JOLSON** *vae ser finalmente,*  
conhecido pelos pernambucanos

Não falta muito tempo, afinal para que Pernambuco em peso possa se deliciar com a voz de AL JOLSON, o celebre cantor norte-americano, e assim se permita o prazer de ver e ouvir a famosa pellicula cantada, dansada e synchronizada, que abriu novos horizontes á arte cinematographica, introduzindo o film sonoro nos costumes das platéas mundias como parte obrigatória da vida de cada mortal.

"O CANTOR DO JAZZ", que além de possuir esse leve desenrolar de

(Termina na pagina 31)



Pola Negri e Norman Kerry em "FEDORA"

# c i n e m a

## TRABALHEI COM RODOLPHO

Por LOUISE LAGRANGE

Lembranças de Rodolpho Valentino? De certo que tenho algumas, porque não se trabalha onze semanas com um actor celebre, como era então Rudy, sem notar traços de caracter, reflexões, reacções de varias especies. Durante doze semanas, de manhã á noite, e muitas vezes mesmo, toda a noite até pela

manhã — o film continha varios exteriores nocturnos — estivemos quasi constantemente juntos, formando este grupo inseparavel que constitue uma troupe cinematographica ou theatral, distanciada de seu centro.

E, apesar disto, apesar desta vida

quasi commum de perto de tres mezes, devo fazer um certo esforço para me lembrar de alguns episodios. De longe em longe, tenho a lembrança de uma palayra, de uma opinião de Valentino, mas, para falar a verdade, elle estava longe de ter *realmente* a personalidade que tinha no cinema. A seducção incontestavel que exercia do alto do écran, caia repentinamente quando alguém se achava deante d'elle. Conservava, entretanto, uma elegancia muito grande e quando dançava, por pouco que fosse, o *charme* do grande Valentino reaparecia quasi inteiro.

— — —

Lembro-me que um dia, enquanto filmavamos *A Fazenda Vermelha* no studio de Long Island, perto de New-York, tinhamos trabalhado durante desde manhã até cinco horas da tarde; a fadiga começava a invadir-nos.

Só tinhamos tregua de uma hora para almoçar, e Rodolpho sentia que estavam exigindo demasiado de nós.

Um dia ordenou que se suspendessem todos os trabalhos e disse: "Tomemos quinze minutos de repouso: temos necessidade de distensão".

Uns deitaram-se na palha — filmavamos num décor representando o pateo de uma fazenda — alguns artistas foram para seus camarotes, Valentino porém ficou no palco.

Pediu a orchestra para tocar um tango e convidou-me para dançar ao som de uma dessas arias lentas e evocadoras dos pampas.

—Mas eu sei, apenas, dançar o tango, respondi a Valentino. Danse sozinho, aprenderei olhando-o.

Elle insistiu, e accetei por fim.

Então percebi, a sciencia profunda que elle possuía da dança.

No fim de alguns instantes, tive a impressão que me tornava também uma grande danarina... seus dons excepcionaes, de resto, não deixaram de impressionar áquelles que viram o extraordinario tango dos *Quatro cavalheiros do Apocalypse*.

( Termina na pagina 30 )



O Toureiro... Chapéo de abas largas e capa romantica.



Sue Carol dança o "Breakaway" em "Fox-Follies". Sue Carol inventou os cabelos á ventania. Sue Carol e do outro mundo.

# Fazei vós mesmo...

**...ESSES ENCANTADORES ACCESSÓRIOS, TÃO NUMEROSOS NA MODA ACTUAL E QUE, COM UM POUCO DE INTELLIGENCIA E DE GOSTO, PODIM SER CONFECCIONADOS SEM GRANDE TRABALHO.**



## O LENÇO

Dois tons de musselina verde (35 cm. escuro, 45 cm. claro) compõem este lenço de 0m. 70 de lado. E' feito de quatro triangulos de 35 cm. de altura e 35 cm. de base (a fio direito) e 4 outros de 45 cm. de altura e 30 cm. de base (arredondado). Todos os triangulos unidos com ponto de agulha grossa. As bordas do lenço são "rouleautés".



## OS LAÇOS

Esses dois laços são feitos com 5 cm. de fustão branco. Corta-se uma tira recta de 3 cm. 1/2 de largura, 4 partes de 12 cm. de comprimento e 2 de 5 cm. Orlas de 5mm. presas por dois pespontos. Com uma das partes grandes, faz-se o lado esquerdo do laço formando uma pequena prega enviezada para cima; com uma outra parte igual, faz-se o lado direito formando prega enviezada para baixo. Drapeia-se levemente o enviez.

## O FICHU'

Na falta de breitschwantz, usa-se o gaillac para este lindo fichu'. E' composto de um triangulo (quadrado de 70 cm. de lado, cortado pela diagonal) e de duas barras de 12 cm. de largura e de 30 e 35 cm. de comprimento. Essas tres partes são forradas de uma flanela leve e de selim preto. As duas pontas são, em seguida, ligeiramente franzidas nas extremidades, e solidamente cosidas nos angulos agudos do fichu'.



## O TRIANGULO

Um simples triangulo de tecido flexivel (quadrado de 0m. 70 de lado, cortado pela diagonal) "rouleautés" dos tres lados, pôde guardar um decote pontudo ou oval. O angulo recto do triangulo é enfiado dentro do vestido, na base do decote. O resto do "ampleur" é preso em pregas flexiveis por um desses broches tão em moda actualmente; as duas outras pontas são enlaçadas na nuca, e presas no vestido por dois pontos. Emprega-se a musselina lisa, estampada ou Georgette.



## A GRAVATA

A gravata é de todo indispensavel ao faillleur. Mé-de 1m. 30 de comprimento e 12 cm. de largura no lugar do pescoço; as pontas são ligeiramente ampliadas nas duas extremidades, até 15 cm. e talhadas em viéz. E' forrada de crepe da China de tom exacto.



## A GOLLA

20cm. de Valenciennes e 20cm. de musselina são suficientes para esta golla que se usa sobre os vestidinhos de crepe da China. E' feita de uma barra de 70 cm. sobre 7cm. A Valenciennes enquadra-a dos tres lados (cosida em "rouleautés"). O lado é trabalhado, até 4cm. da borda exterior, de nervuras distantes de 1 cm., que dão á golla sua forma definitiva. A gravata é feita de uma barra de 8 cm. cortada na largura e "rouleauté" dos lados.



## A "PARURE"

Com o "croquet" fazem-se muitas pallas rendadas á imitação de Milão. Traçam-se os desenhos sobre papel de architecto. Colloca-se o "croquet" em linhas paralelas (começando pela fila externa, junto da ligação com o tecido). Cada dente inferior deve tocar um dente superior da fila precedente; em seguida são unidas, duas a duas, por pontos bem solidos; a agulha enfia-se ao longo do "croquet" para o dente seguinte, e assim successivamente.

# Sabão Marmorizado

DA

## SABOARIA FRANCEZA

O LEGITIMO SABÃO  
MARMORISADO TEM EM  
CADA BARRA A MARCA

“MARMORISADO L. B. C.”

Não corta o tecido e, pelas suas boas qualidades saponaceas, é sempre o preferido

**ECONOMICO, UMA BARRA VALE POR TREZ DE QUALQUER SIMILAR**

FABRICANTES:

**Loureiro Barbosa & Cia. Ltda.**

RECIFE

### TRABALHEI COM RODOLPHO

(CONCLUSÃO)

A medida que dansavamos, os figurantes e todos os nossos camaradas que estavam espalhados pelos quatro cantos do studio, aproximaram-se, e fizeram circulo em torno de nós.

Quando soaram as ultimas notas separamo-nos, e vi em todos os rostos uma verdadeira emoção, produzida por essa dansa improvisada no meio do studio. Elle tinha conseguido commover todo mundo com a graça harmoniosa de seus gestos, com o ondulado lento e rythmado de todo o seu corpo. Devo dizer que me pareceu, nesse instante, um dos muitos bellos especimens desta raça latina, da qual havia herdado genio da attitude, a elegancia das linhas, a harmonia do movimento.

Por que seria, que quando voltava á realidade perdia todo o seu “charme”?

Conservei a lembrança do nosso primeiro encontro. Tinham começado a filmar, havia alguns dias, *A Farsenda Vermelha*.

Scenas onde eu não apparecia já haviam sido feitas, e no primeiro dia em que cheguei ao studio, encontrei Valentino no meio de um grupo, no qual reconheci alguns amigos velhos. Dei bom dia a estes

Era o novo Valentino que surgia,

o do cinema, o que todo o mundo e a conversa proseguiu.

Rudy era muito ouvido. Contava historias que interessavam muito os camaradas.

Olhou-me varias vezes no decurso de suas anedotas, depois, pensando que eu não tinha comprehendido, repetiu em francez. Fallava muito correntemente esta lingua.

Emfim procurou o *meteur en scène* e pediu-lhe para que nos apresentasse um ao outro, coisa que até então, ninguem tinha feito. Elle foi muito cortez, amavel mesmo, e me mostrou o scenario em que deviamos filmar juntos, logo no dia seguinte de manhã.

Disse-me que me tinha visto, recentemente, em *Meu Homem*, filmado em Hollywood, e que se sentia feliz de me ter como comparsa. E durante as semanas em que filmamos juntos, foi sempre o mais agradável dos camaradas.

Era querido por todos os colaboradores que trabalham num film. Durante perto de uma semana, na qual trabalhámos de noite, elle chegava ao studio ás sete horas da noite, e começava logo a se maquillar.

Quando chegava no palco não era mais o mesmo homem!

Seria difficilmente reconhecido o rapaz alto e esbelto que, uma hora

antes, tinha descido do carro e entrado no studio.

conhece: o verdadeiro, talvez quem sabe?... Aquelle que, em todo caso, soube se immortalizar.

Durante as scenas nocturnas que filmámos elle exigia que houvesse champagne no studio.

Muitas vezes, entre duas scenas, ia ao seu camarim beber um pouco de champagne, e as melhores scenas que fez foram — dizia elle proprio, rindo — as realizadas pela madrugada...

Outras lembranças sobre Valentino?

Meu Deus! Não consegui conservar tantas assim... Elle foi um bom amigo p'ra mim, agradeceu-me, no fim do film, ter eu sido sua comparsa e, quando nos separámos, havia em nós ambos, a pequena tristeza que se experimenta sempre ao deixar um agradável companheiro de trabalho.

Encontrei-o um pouco mais tarde em Hollywood; trocámos palavras amistosias. Quando lhe disse: “Até breve”, estava longe de pensar que não o devia mais revêr...

E se quizesse, em poucas palavras, dizer o que pude adivinhar do carácter de Rudy, creio bem que fallaria de sua amavel cortezia e da influencia consideravel e salutar que exerceu sobre elle sua intelligente esposa, *Natasha Rambova*.

scenas de theatro tão do agrado das platéas, com canções ora alegres e saltitantes, ora sentidas, de AL JOLSON, que tanto sabe dominar com a possante garganta que tem, contanto também como se fez o nome de seu interprete.

AL JOLSON revive assim a sua propria vida, fazendo que este drama sonoro da "Warner Bros" toque bem fundo o coração de quantos o assistam. AL JOLSON era filho de celebre cantor judeu, que por sua vez descendera de familia de cantores da synagoga, do Gretto. O rapaz desde muito tempo, revelou tendencias pelo theatro fugindo da casa para se entragar á sua carreira. Vindo depois a se celebrizar, como artista de palco, auxiliado por uma pequena de variedades, AL JOLSON sentiu-se atraído para casa, onde o velho pae, moribundo, pedia que elle cantasse como sempre costumaram os seus antepassados, no dia da festa de "Yom Kippur"... que entoasse o "Kol Nidre", pois elle, á morte, não o podia fazer.

E' quando o querido artista das noitadas alegres de Broadway se viu entre dois difficeis papéis.

Elle que já sentira a aureola da fama á brilhar sobre sua cabeça, depois dos primeiros applausos ganhos, agora tinha, que abandonar o palco para ir á synagoga cantar o "Kol Nidre". E tão intenso é o soffrimento causado no cantor, que tem de se resolver entre o pedido do pae e o apello de sua vontade, que as lagrimas veem-lhe aos olhos, e com ellas elle canta, commovente, arrebatando o publico que o escuta num extase.

"O CANTOR DO JAZZ" tem ainda ao THEATRO PARQUE e admirar a sua

como principaes interpretes May Mc. Avoy, Warner Oland e o cantor Josef Rosenblatt no seu "cast" e o "Programma MATARAZZO" apresentará a partir de segunda-feira, 9 de Junho, esta pellicula famosa ao publico pernambucano no THEATRO PARQUE.

### O primeiro film synchronizado de Cecil B. de Mille —

### "MULHER SEM DEUS" —

### será brevemente apresentado no Theatro do Parque pelo programma MATARAZZO

Para a apresentação na proxima semana no THEATRO PARQUE, o "Programma Matarazzo" escolheu o primeiro film synchronizado de CECIL B. DE MILLE, intitulado: — "MULHER SEM DEUS".

Esta obra, cujo nome em inglez é "The Godless Girl", tem como artistas principaes varias personalidades do mundo cinematographico, que são Lina Basquette, Marie Prevost, Noah Beery, Eddie Quillian, Julia Faye, Kate Price, George Duryea e outros.

O "Programma Matarazzo" não podia escolher film melhor nem mais grandioso do que este que traz o nome glorioso, aureolado pela fama e pela gloria de mestre de todos os directores, CECIL B. DE MILLE. A garantia do seu nome, que traduz um passado cheio de exitos e varios passos no progresso da cinematographia americana, é o bastante para que todos corram

primeira super-produção sonora e synchronizada pelo processo photophone, isso é, som photographado na pellicula.

"MULHER SEM DEUS", historia da juventude de hoje, narrativa de muitas vidas como as que ha em nossa sociedade, apresenta, como em todos os films do genial director, um thema profundo, humano e, levado com tamanha habilidade, que resultou numa das mais vibrantes peças de direcção que já foi apreciada pelos criticos e pelo proprio publico americano e de outros paizes.

CECIL B. DE MILLE vai mostrar, novamente, toda a pujança do seu cerebro, o valor da sua intelligencia, o apurado gosto artistico que sempre predominou em todos os seus admiraveis trabalhos, o luxo, a belleza das scenas, o drama, as situações, os idyllos, o romance, a parte amorosa, as lutas e, finalmente um espectáculo deslumbrante, culminando a accção de toda a pellicula.

Poucos trabalhos, exhibidos e bafejados pela critica, mereceram tanta accção por parte das platéas, que sentiram a belleza do enredo, emocionaram os corações com a dramaticidade de seus episodios e deliciar-se com a parte romantica da historia. Os artistas, jogados dentro dos papéis, perfeitamente adaptaveis ás suas personalidades, eram reaes a cada um dos caracteres, fizeram de cada um delles uma verdadeira peça de representação sem falhas, reaes, humanas e vibrantes.

"MULHER SEM DEUS" (The Godless Girl) terá, para os nossos leitores, nestas mesmas columnas, diariamente, noticias e informações a seu respeito.

## EM TORNO DE UMA FESTA CAIPIRA

Ha entre os associados do APA uma corrente favoravel á realisção de uma festa caipira para celebrar o dia 23 de Junho. Pediram-me para que eu desse o meu voto sobre o assumpto e, como zozelo daquella tão bem orientada sociedade, assim o faço e justifico.

Antes que tudo, nós não temos um traje typico que caracterise o nosso caipira, nem tambem o nosso sertanejo. Na Espanha, em Portugal, na Italia, etc.: é possível distinguir os camponeses dos habitantes das capitães e até mesmo lhes determinar a procedência. No Brasil, porém, o chapéo de couro e as alpercatas estão em uso em cidades que distam duas horas de trem da capital. O vaqueiro que seria então aquelle que tem sua indumentaria mais typica, com seu palitot e calças de couro, tambem não pôde ser tomado como representando o nosso caipira sem se commetter o erro de se tomar a excepção pela regra geral. Quanto ás mulheres caipiras, em

que differem ellas das outras? Pelas chinellas, pela predilecção das chitas de cores vivas e pelo mau gosto de combinal-as? Assim vestidas, tambem as vemos nos suburbios da capital, nos sambas, côcos e pastorinhas de Caxangá, Varzea, Dois Irmãos e Beberibe. Indo além, (só excluindo o uso das chinellas), ainda continuamos a vê-las na Rua Nova, nos cinemas e na Gloria.

Uma festa á character na Inglaterra, Alemanha ou na França, teria um sabor todo especial que eu não nego. Em qualquer desses paizes poderíamos mesmo, retroceder quinhentos annos, sem perigo de nos encontrarmos acócorados em frente ás nossas tábas, á espera de um Cabral amante de aventuras, que nos viesse incomodar.

Quanto a nós, NAO. Nem isso podemos fazer. Não temos passado. Ainda não estamos ha dois dias do tempo em que vestiamos tangas! O Jeca ainda constitue a maior porcentagem dos habitantes destes Brazil...

Não, uma festa caipira seria monotona e sem significação na época actual. Daqui a dois mil annos (na marcha triumphal de nosso progresso), sim. Não duvido, entretanto, que em muitos ficassem bem o chapéo de couro e as alpercatas; e que a simplicidade de um vestido de chita realçasse algumas bellezas femeninas — mas o numero dos prejudicados seria consideravel.

Sou, porém, pelo ambiente a character. Fogueiras artificiaes ou naturais, balõesinhos, folhas de canella e bambú que tanto podem ser apreciados vestindo-se um traje de caipira como no aplomb de uma casaca. Admitto mesmo que se sirvam pés de moleque, cangica, cangiquinha e pamonhas para a satisfação de alguns paladares, mas, por Deus, não nos faltem um sandwich de folé gras e uma taça de Champagne gelado.

# SENSIBILIDADE

(Conclusão)

e das quaes você estraçalha, com um garfo, o organismo sensível.

— Uma ostra não tem systema nervoso.

— Quem ousa garantir isto? Numa epocha em que, a cada instante, descobrem-se ondas e raios invisíveis! o seu raciocinio é como o de um medico que, quando lhe fallam da alma, dá de hombros e responde: "Nunca encontrei isto com a ponta do meu bisturi".

Porque uma ostra não tem orgãos de sensibilidade semelhantes aos nossos, você conclue que ella não soffre. Partilharei sua opinião no dia em que uma ostra cortada em duas, me dissér: "Pódes continuar, não estou sentindo nada!"

— Tudo isto não a impedirá de comer ostras!

— E todas as censuras não a impedirão de comer perdizes.

— Nada tem que ver uma coisa com a outra: eu não as matarei.

— Isto é hypocrisia. Imagine-se numa ilha deserta...

— E' uma supposição que não se realiza...

— Experimente! Deixar-se-ia morrer de fome para não matar um animal?

— Talvez!...

— Porém não está certa disso? e agora se eu lhe mandar umas perdizes, terá a coragem de comê-las.

— Certamente!

— Então tudo quanto me disse não significa nada, é um pouco hypocrita — não digo isto para lhe fazer moral, porém simplesmente para lhe demonstrar que você prefere que outros cumpram a tarefa que lhe repugna um pouco...

— Quando digo que me repugna, exaggéro, porque enfim posso perfeitamente cortar uma lagosta em pedaços, para fazel-a à americana...

Robert Dieudonné.

DÊ NE BISE  
OS SEUS PÉS...  
O CALÇADO



ENCONTRA-SE  
Nas principaes sapatarias



*Photographia?*

SÓ INDO À PIERECK.

TRABALHOS NITIDOS,  
ADMIRAVEIS E INALTERAVEIS

RUA FLORIANO PEIXOTO

54  
*Louis Piereck*

ART. PHOT.

MOVIE  
MOVIE-TONE

FOLDS

DE  
1929



RECIFE

AVELINO  
1930

O filme escolhido para estrear o

**THEATRO MODERNO**

SUE CAROL, DAVID ROLLINS, ARTHUR STONE,

DIXIE LEE E FRANK RICHARDSON

— Por estes dias —

---

**PARA PREPARAR O SEU ALIMENTO**

USE O

**FOGÃO  
A GAZ**

---

---

Gaz é o combustível mais limpo, rápido e vantajoso até hoje conhecido e também considerado como o mais higienico e pratico.

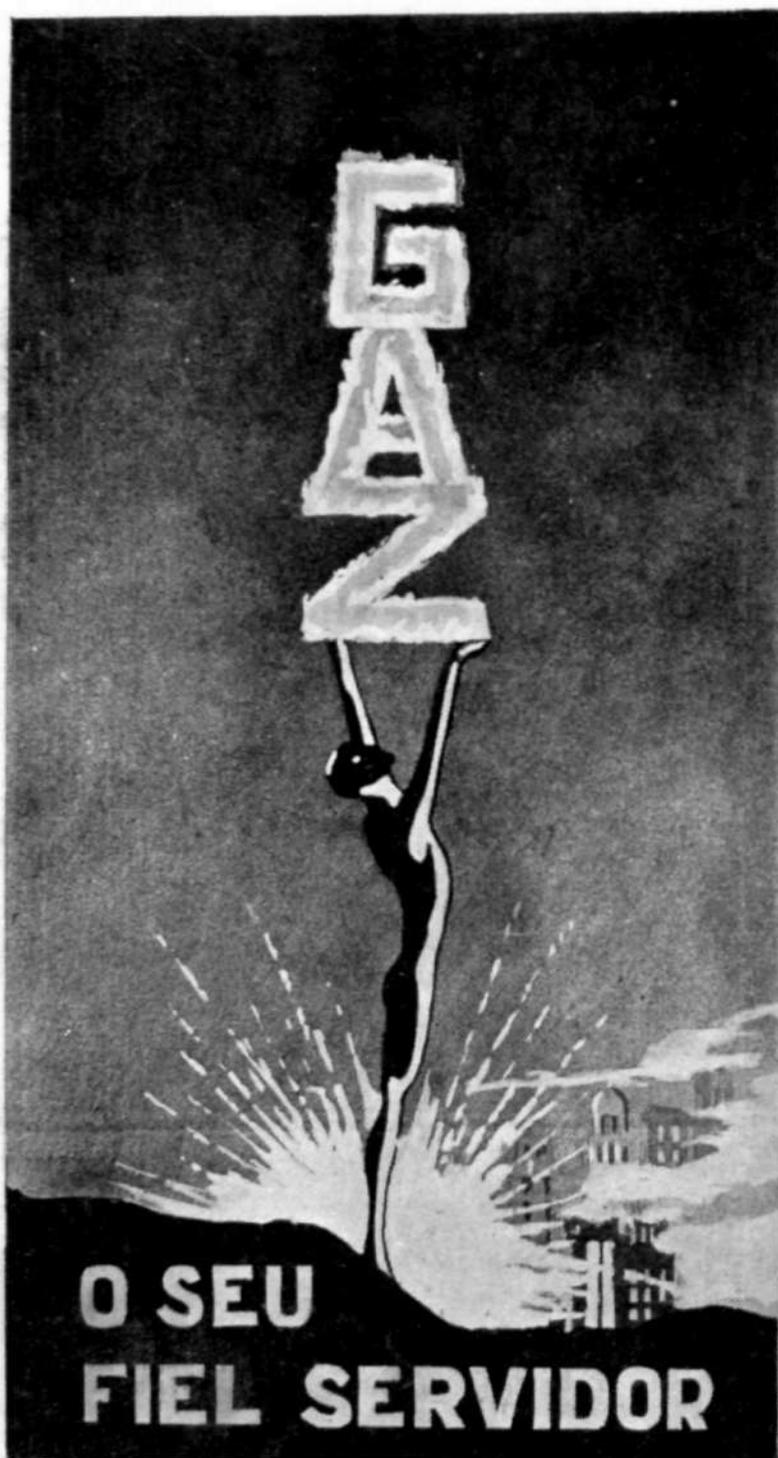
**de 5\$000  
mensaes**

para cima ha aparelhos a gaz, portanto ao alcance de todas as bolsas.

**NÃO DEMORE**

---

Visite o nosso Salão de Demonstrações, onde teremos o maior prazer em lhe explicar as vantagens oferecidas pelo nosso Plano de Pagamentos a Prazo.



**O SEU  
FIEL SERVIDOR**

**PERNAMBUCO TRAMWAYS & POWER C,<sup>o</sup> L.<sup>TD</sup>**

**RUA 1.<sup>o</sup> DE MARÇO**

---

---